



UC/FPCE\_2015

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Violência no Namoro e Atitudes Associadas: Estudo Comparativo entre Adolescentes Institucionalizados e Adolescentes Não-Institucionalizados**

Cindy Cardoso da Fonseca (e-mail: [cindyfonseca@outlook.pt](mailto:cindyfonseca@outlook.pt))

Dissertação de Mestrado em Psicologia, Área de Especialização em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, sob a orientação da Professora Doutora Luiza Nobre Lima

## **Violência no Namoro e Atitudes Associadas: Estudo Comparativo entre Adolescentes Institucionalizados e Adolescentes Não-Institucionalizados**

A violência no namoro é uma problemática social que tem merecido na atualidade a atenção dos investigadores na área da Psicologia. Verifica-se, no entanto, que a maioria dos estudos incide sobre o adolescente comum, sabendo-se menos sobre aqueles adolescentes com experiências particulares de vida, como são os adolescentes que se encontram acolhidos em instituições. Neste sentido, o presente estudo teve por objetivos: 1) analisar a expressão que o fenómeno da violência no namoro tem, nos seus vários tipos, entre adolescentes que se encontram acolhidos em Lares de Infância e Juventude e em Centros de Acolhimento Temporário; 2) comparar resultados entre adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados e 3) analisar se existe relação entre crenças, perpetração e vitimização de violência no namoro.

Foi utilizada uma amostra de 258 adolescentes, de ambos os sexos (Feminino=78.3%, Masculino=21.7%), sub-divididos em dois grupos: o grupo 1 constituído por 129 adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 19 (M=16.02; DP=1.58) a quem foi aplicada como medida de proteção o acolhimento em Instituição e o grupo 2 constituído por 129 adolescentes a residir com as suas famílias, com idades entre os 14 e os 18 anos (M=16.04; DP= 1.366).

Dos instrumentos utilizados faziam parte um questionário sociodemográfico elaborado especificamente para a investigação, o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley & Straatman, 2001; versão portuguesa R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D.Vieira, 2008) e a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (Price, Byers e *The Dating Violence Research Team*. 1999; versão portuguesa Saavedra, Machado, & Martins, 2008).

Os resultados obtidos demonstram que os adolescentes institucionalizados não diferem substancialmente nas suas experiências de violência no namoro relativamente aos adolescentes não-institucionalizados. Ambos os grupos referem utilizar estratégias de resolução de conflito positivas e também dizem ser tanto vítimas como perpetradores de violência verbal. Os institucionalizados apenas são mais perpetradores de violência física do que os não-institucionalizados. As crenças sobre violência no namoro não diferem muito entre os dois grupos, e as atitudes encontram-se positivamente associadas à vitimização e perpetração de violência de namoro. Finalmente, existe uma associação entre o tempo de acolhimento em instituição e perpetração de violência física.

Palavras-chave: violência no namoro; atitudes; adolescentes institucionalizados; adolescentes não-institucionalizados.

## **Dating Violence and Associated Attitudes: Comparative Study between Institutionalized Adolescents and Non-Institutionalized**

Dating violence is a social problem that has received nowadays the attention of researchers in the field of Psychology. However, most studies focuses on the ordinary teenager, knowing less about those teens with particular life experiences, as adolescents who are housed in institutions. In this sense, this study aimed to: 1) analyze the expression that the phenomenon of dating violence has, in its various types, among teenagers who are accommodated in homes for Children and Youth and Temporary Reception Centers; 2) to compare outcomes among institutionalized adolescents and non-institutionalized and 3) whether there is a relationship between beliefs, perpetration and victimization of dating violence.

A sample of 258 adolescents was used, of both genders (Female = 78.3% Male = 21.7%), sub-divided into two groups: Group 1 consists of 129 adolescents aged from 13 to 19 ( $M = 2.16$ ,  $SD = 1.58$ ) to whom it was applied as a protective measure the reception in the institution and group 2 consists of 129 adolescents residing with their families, aged between 14 and 18 years ( $M = 04.16$ ,  $SD = 1,366$ ).

Instrumentalities used were part of a sociodemographic questionnaire specifically designed for research, Conflicts in Adolescent Dating Relationships Inventory (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley & Straatman, 2001; English version R. Saavedra, C. Machado C. Martins, & D.Vieira, 2008) and the Attitudes toward Dating Violence Scales (Price, Byers and the Dating Violence Research Team 1999;. English version Saavedra, Machado, & Martins, 2008).

Results obtained show that the institutionalized adolescents do not differ substantially in their experiences of dating violence regarding to teenagers non-institutionalized. Both groups report using positive conflict resolution strategies and also claim to be both victims and perpetrators of verbal violence. Institutionalized only are more perpetrators of physical violence than non-institutionalized. Beliefs about dating violence do not differ much between the two groups, and attitudes are positively associated with victimization and perpetration of dating violence. Finally, there is an association between the host-time institution and perpetration of physical violence.

Key-words: dating violence; attitudes; institutionalized adolescents; non-institutionalized adolescents.

## Agradecimentos

Após cinco anos de trabalho, esforço e dedicação, por mim e para mim, eis que chega o momento final de uma etapa que deixará com certeza saudade. Esta etapa final fica marcada pela elaboração e entrega da presente investigação. Desta forma, quero deixar aqui os meus sinceros agradecimentos a todos que me acompanharam, se esforçaram, e dedicaram durante este processo, e que por isso, fizeram de mim uma pessoa mais feliz.

Em primeiro agradeço aos meus pais, irmãos e primos, que sempre me apoiaram desde o dia em que soube que tinha entrado na Universidade de Coimbra. Obrigada pela vossa paciência, carinho e dedicação. Espero não vos desiludir.

Deixo um especial agradecimento aos jovens em acolhimento institucional que aceitaram participar neste estudo, pelo vosso carinho e disponibilidade, bem como aos Técnicos das instituições. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

À Senhora Professora Doutora Luiza Lima e também à Senhora Professora Doutora Lisete Mónico, pela disponibilidade, ajuda, apoio e mestria.

Às minhas colegas de casa, e amigas do coração: Joana Candeias, Kátia Jesus e Daniela Pedrosa, por terem tolerado todos os meus maus humores e reclamações, por terem contribuído para a minha sanidade mental com o vosso humor e alegria. Obrigada pelo vosso apoio fundamental.

Às minhas colegas de orientação: Mafalda e Diana, pela partilha, apoio e momentos de descontração que passámos juntas. Sem vocês teria sido mais difícil.

Aos meus amigos, aqueles que sempre estiveram, de uma forma ou outra, presentes, que sempre me apoiaram, escutaram e fizeram com que os meus dias se tornassem melhores. Da Faculdade: Cândido, Jace, Telma e Vânia, sem vocês, minhas Marias, a minha vida académica não seria a mesma, mil obrigadas por toda a vossa alegria, partilha e amizade verdadeira, até já. De Águeda: à Cátia Silva e ao Nuno, à Sara, ao Tiago Cruz, ao Bruno Roque, à Joana Duarte, à Mary, ao Luca, ao Ruben, ao Nando, ao Márcio, à Cátia e ao Tiago Pinheiro vocês são para sempre. Muito obrigada!

## Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>I – Enquadramento Conceptual</b> .....	2
1. A Violência em relações de intimidade vividas na adolescência.....	2
1.1. Adolescência e relações íntimas.....	2
1.2. Violência no namoro.....	4
2. Adolescentes em acolhimento institucional.....	7
<b>II – Objetivos</b> .....	13
<b>III – Metodologia</b> .....	14
1. Amostra.....	14
2. Instrumentos.....	18
2.1. Questionário de dados sociodemográficos.....	18
2.2. Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI) .....	19
2.3. Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN).....	19
3. Procedimentos.....	20
3.1. Seleção e recolha da amostra.....	20
3.2. Aplicação do protocolo.....	20
3.3. Análise e tratamento de dados.....	21
<b>IV – Resultados</b> .....	22
1. A experiência de violência no namoro em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados.....	22
1.1. Experiência vitimização de violência.....	22
1.1.1. Análise Qualitativa.....	22
1.1.2. Análise Comparativa.....	23
1.2. Experiência perpetração de violência.....	23
1.1.1. Análise Qualitativa.....	24
1.1.2. Análise Comparativa.....	24
2. Atitudes acerca da violência entre adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados.....	24
3. Relação entre atitudes e práticas de violência no namoro em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados.....	25
4. A relação das experiências de vitimização e perpetração de violência no namoro em adolescentes institucionalizados com variáveis relativas ao namoro.....	28
4.1. Relação com a idade.....	28
4.2. Relação com o tempo de acolhimento em instituição.....	28
4.3. Relação com a duração de namoro.....	29
<b>V – Discussão</b> .....	30
<b>VI – Conclusões</b> .....	38
<b>Referências bibliográficas</b> .....	40
<b>Anexos</b> .....	49

## Introdução

A violência no namoro na fase da adolescência, tal como os maus-tratos na infância são preocupações fundamentais de saúde pública (Wekerle *et al.*, 2009).

Como refere Minayo e Souza (1997) é desde o nascimento que a criança encontra um mundo de vínculos e relações formadas, com tradições, normas, e é aqui que ela forma a sua consciência, o seu estilo de vida e reação individual. À medida que cresce são desenvolvidas áreas diferenciadas, nomeadamente ao nível cognitivo.

Na fase da adolescência o indivíduo desenvolve a capacidade do pensamento hipotético-dedutivo e a moral autónoma (Oliveira, 2006), que, o ajudarão a construir representações mentais, através das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se insere e desenvolve (Vygotsky, n.d.). Desta forma, fatores cruciais que determinarão o pensamento serão a história da sociedade onde o indivíduo se desenvolve, e a sua história pessoal. Neste âmbito, importa referir que o enfrentamento da violência passa também pelas crenças culturalmente estabelecidas acerca da definição de violência (Gebara & Lourenço, 2008).

As crenças estão intrinsecamente ligadas às atitudes de cada indivíduo. Pois, tal como referem Rodrigues, Assmar e Jablonski (2009) as atitudes são definidas como uma organização duradoura de crenças (componente cognitiva), dotadas de reações emocionais positivas ou negativas (componente afetiva) relativamente a um objeto, pessoa ou acontecimento, que predispõe o sujeito a uma ação (componente comportamental).

Por outras palavras, o que pensamos e como avaliamos determinada ação, como nos sentimos relativamente à mesma, leva a que haja uma predisposição para responder de forma favorável ou desfavorável, com determinado comportamento relativamente a essa ação.

O fato de que muitas vezes, os adolescentes institucionalizados vivenciaram experiências de maus-tratos, perpetrados pelos seus pais ou experienciarem violência interparental, poderá levar a que estes jovens tenham crenças e/ou atitudes disfuncionais relativamente à violência no namoro.

Por se constituir um tema, que é a violência no namoro, que em Portugal, carece de alguma investigação relativamente aos adolescentes institucionalizados, e para tentar esmiuçar se as crenças relativamente às várias formas de violência no namoro têm ou não uma forte influência na sua perpetração, surgiu o interesse na presente investigação.

A presente dissertação encontra-se organizada em seis capítulos: o primeiro capítulo integra o Enquadramento Conceptual, onde são apresentadas as principais conceções teóricas e empíricas existentes acerca da violência no namoro, a fase da adolescência e o acolhimento em instituição. No segundo capítulo apresentam-se os principais objetivos deste estudo e, no terceiro capítulo, a metodologia utilizada, especificamente no que concerne à amostra, aos instrumentos e aos procedimentos utilizados. Sucede-se a apresentação dos resultados, no quarto capítulo, e a respetiva discussão, no quinto capítulo, de forma a compreender o seu significado e as suas implicações. Por último, no sexto capítulo é apresentada a conclusão, que aprecia as limitações inerentes à presente dissertação, assim como, os objetivos obtidos.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1. A violência em relações de intimidade vividas na adolescência**

O fenómeno violência nas relações de intimidade juvenil é merecedor de particular atenção, não somente pelos seus efeitos nefastos e pela sua grande taxa de prevalência, mas também por que se integra numa fase, que é a adolescência, onde os relacionamentos românticos se iniciam e onde se aprendem padrões de comportamento que poderão estender-se à vida adulta (González-Ortega, Echeburúa & Corral, 2008). Importa, portanto, salientar as especificidades de uma fase de desenvolvimento como é a adolescência, descrever o modo como ocorrem as relações de intimidade, e finalizar este primeiro ponto com o tema que lhe incorpora.

#### **1.1. Adolescência e relações íntimas**

Foi essencialmente no século XX, que a adolescência se tornou num assunto de gradual interesse na história da psicologia (Senna & Dessen, 2012).

A adolescência para Justo (2005) é considerada uma fase de grandes transformações biopsicológicas e sociais, sendo o adolescente visto como um participante ativo nas relações sociais no espaço público e como alguém bastante suscetível a influências sociais.

Neste sentido, Ferreira (2003) refere que durante o desenvolvimento da adolescência, ocorrem mudanças nas capacidades intelectuais, nos interesses, atitudes e ajustamento, sendo portanto, um período difícil pelas mudanças físicas e de comportamento. Ainda o mesmo autor explica que é durante a adolescência que os jovens procuram ser eles mesmos, preparando-se para a vida adulta: é nesta procura de identidade, que o adolescente desloca o sentimento de dependência dos pais para o grupo de pares, onde todos se identificam com cada um.

Se até então, as relações de amizade costumavam ser orientadas pelo brincar ou estudar, na adolescência tornam-se mais autoconscientes e mais analíticas, sendo construídas a partir do estabelecimento de vínculos verdadeiramente afetivos (Morais, Leitão, Koller & Campos 2004).

Desta forma, é importante que exista este grupo de pares na vida dos jovens, como fonte de apoio e compreensão. Contudo, apesar desta importância no desenvolvimento psicoafetivo e social do jovem, estas relações, nesta fase, são geralmente de pouca durabilidade e consistência, o que leva a que Mota e Matos (2008) considerem que não se tratam de ligações que possam satisfazer os níveis de segurança precisos para a criação de vínculos seguros.

Por outro lado, Furman (1999) indica que a afiliação faz parte da predisposição biológica humana e que a relação com os pares fornece ao jovem oportunidades de cooperação, altruísmo recíproco, brincadeira social, proteção e partilha. Isto leva a que o jovem desenvolva a capacidade de colaborar com o outro e de construir uma relação de amizade. Estas competências de afiliação que se desenvolvem na amizade, transferem-se para as relações românticas.

Na mesma linha de pensamento, Connolly e McIsaac (2011) explicitam que a estrutura e qualidade dos laços com membros da família e amigos está relacionada com as relações românticas.

Não obstante, os mesmos autores acreditavam que o impulso interior de perceber a necessidade de intimidade e de identidade, é o que motiva os adolescentes a participar em formas mais avançadas de romance ao longo do tempo. Referem, por isso, que os envoltimentos românticos facultam o contexto chave para que estas necessidades sejam alcançadas, pois os sentimentos sexuais e de paixão despertados pela puberdade sugerem ao jovem que não poderá mais, ter toda essa intimidade e identidade com os pais e amigos.

Nesta sequência, é nesta fase que o jovem vai querer, novamente, procurar um novo amor, sendo este inerente ao ser humano e uma forma de nos vincularmos ao próximo (Córdoba, 2011). Esta procura de vinculação ao próximo na adolescência será através do envolvimento íntimo com alguém que é escolhido como parceiro amoroso. Este processo poderá envolver um compromisso e, por isso, ser apelidado de namoro.

O namoro para Malaggi, Lazzarotto, Nazzari e Baratieri (n.d.) é um relacionamento social afetivo-sexual que pode evoluir para um relacionamento duradouro ou para o término do mesmo devido à incompatibilidade de características entre a díade.

Quanto a este conceito, Duarte e Lima (2006) encaram o namoro como uma relação romântica entre duas pessoas não casadas, podendo estas díades ser constituídas por indivíduos heterossexuais ou por indivíduos homossexuais.

Estes relacionamentos românticos refletem a euforia e o desespero de uma forma que poucos outros fenómenos conseguem na fase que é considerada como tempo de emoções profundas e diversificadas. É este fenómeno, que tem, também, um impacto bastante profundo, a curto e a longo prazo no adolescente (Brown, Feiring & Furman, 1999).

Neste sentido, Furman e Shaffer (2003) mencionam que é na fase da adolescência que se enfrentam uma série de tarefas bastante importantes para o desenvolvimento, onde as relações amorosas poderão desempenhar um importantíssimo papel no progresso das mesmas. Nelas se incluem: o desenvolvimento da identidade, onde os adolescentes desenvolvem uma perceção de si mesmos através da relação não só com os pares mas também com o parceiro amoroso; a transformação das relações familiares, ao existir problemas familiares, se o indivíduo obtiver apoio do seu par, lidará com esses problemas de forma mais simplificada ou de alguma forma terá o apoio; o desenvolvimento de relações íntimas com os pares, por exemplo, ao namorar com alguém atrativo aumenta a sua popularidade, entre os jovens; o desenvolvimento da sexualidade, sendo que é nas relações amorosas que existem as primeiras experiências a nível sexual; o desempenho escolar poderá melhorar se o par amoroso encorajar para a realização fornecendo apoio; e finalmente, no planeamento de uma carreira, encorajando ou aconselhando o par na sua decisão.

Quanto ao tipo de relação que os jovens poderão criar, alguns desenvolvem uma relação de vinculação segura com os seus parceiros amorosos, querendo isto dizer que em caso de problemas ou *stress*, os jovens irão confiar no parceiro para apoiá-los. Outros poderão criar vínculos afetivos inseguros com os seus parceiros. Esta insegurança, embora possa ser expressa de forma diferenciada, normalmente implica que o jovem não se sinta confortável para ter apoio do seu parceiro. Ambas estas expectativas de relacionamento são moldadas pelos vínculos que os adolescentes tiveram com os seus pais em criança (Connolly & McIsaac, 2011).

Ainda sobre o tipo de relação e as suas consequências, Furman e  
Violência no Namoro e Atitudes Associadas: Estudo Comparativo entre Adolescentes  
Institucionalizados e Adolescentes Não-Institucionalizados  
Cindy Cardoso da Fonseca (e-mail:cindyfonseca@outlook.pt) 2015

Shaffer (2003) referem que os adolescentes que tenham experiências positivas poderão achar-se parceiros mais atrativos, ao passo que aqueles que tenham experiências de namoro adversas poderão ter pouca confiança nas suas capacidades de parceiros atrativos ou em ter relacionamentos bem-sucedidos. Acrescentam ainda que estas experiências amorosas e o autoconceito amoroso, também poderá afetar a autoestima do adolescente. No exemplo acima mencionado, no caso de o jovem se sentir menos atrativo, o seu pensamento irá ruminar pelas suas imperfeições ou erros, sentindo-se inferior aos outros.

## 1.2. Violência no namoro

A Organização Mundial de Saúde (2002) identifica a violência como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação e, em última instância, na morte.

Subjacente ao presente estudo está a definição de Albisetti (2010) que entende por violência, tudo o que atenta contra a integridade de uma pessoa ou de um grupo, sem que haja diálogo entre as duas partes, isto é, quando uma parte quer prevalecer sobre a outra.

Este fenómeno, não se restringe apenas a grupos socialmente desfavorecidos, abrange toda e qualquer sociedade, e por vezes de uma forma tão subtil, que leva a que a sociedade se conforme com os padrões vistos como normais.

Valdez (2005) refere que nem sempre nos podemos opor à violência, nem sempre podemos ser éticos, no entanto, na maioria das vezes podemos manter a rejeição e suprimir a violência, embarcando todos juntos rumo à tomada de atitudes que otimizem, efetivamente, as possibilidades ao nosso alcance de ser melhor, enquanto seres humanos.

Não obstante a paixão e o amor que as relações amorosas entre adolescentes despertam, outras emoções invadem este espaço de intimidade. Larson, Clore e Wood (1999) num estudo com adolescentes americanos constataram que as emoções românticas também podem ser de ansiedade, raiva, ciúme e desespero. No mesmo sentido, Fisher e Alapack (1987) declaram que as relações românticas para além de constituírem uma fonte de sentimentos positivos e motivacionais são também uma fonte de angústia e aflição.

Algumas destas emoções negativas poderão ser um forte fator da perpetração de violência. Numa investigação com estudantes universitários, Makepeace (1981) constatou que o ciúme era constantemente referido pelos sujeitos, como fonte de conflito que levaria ao comportamento agressivo nas relações de namoro. Este autor foi o pioneiro a investigar a violência no namoro em jovens estudantes.

Num outro dos seus estudos, afirmou que um em cada cinco universitários eram afetados pela violência na intimidade juvenil. A partir deste ponto, este fenómeno começou a ser estudado pela comunidade científica internacional (Caridade, Machado & Vaz, 2007).

Relativamente a este fenómeno, Sugarman e Hotaling (1989) referem que violência no namoro é a perpetração ou ameaça de violência física por, pelo menos um membro de uma díade não casados, ao outro no contexto de processo de namoro.

Lewis e Fremouw (2001) expõem que a violência no namoro é um termo vago que pode incluir comunicação ameaçadora, abuso verbal, ou agressão física.

São diversos os tipos de violência existentes. Para Jenkins e Aubé (2002) violência psicológica diz respeito a qualquer ato não físico realizado com a intenção de magoar o parceiro, podendo ser incluídos elementos diretos ou indiretos, verbais ou não verbais. São exemplo, ameaçar acabar o relacionamento, chantagens emocionais, inibir o parceiro de ter determinado comportamento, controlo sob o parceiro ou ciúmes excessivos (González-Ortega, Echeburúa & Corral, 2008).

Já para Straus e Sweet (1992) abuso psicológico é um padrão de comunicação quer verbal ou não verbal, com intenção de causar sofrimento psicológico na outra pessoa, ou que é percebido como tendo essa intenção.

Sugarman e Hotaling (1989) definem violência física como o uso de ameaça ou força física, ou restrição levada a cabo no sentido de causar dor ou injúria a outrem. Como comportamentos fisicamente abusivos mais usuais Henton, Cate, Koval, Llody e Christopher (1983) referem o puxar, empurrar, esbofetear ou atirar algum objeto ao parceiro.

Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996) explicam a coerção sexual como um comportamento com o fim de compelir o companheiro a uma interação sexual contra a sua vontade, variando os atos coercivos desde a insistência ou ameaça, ao uso da força física.

Numa investigação realizada com estudantes universitários, em Portugal, referiram ter sido vítimas 15% dos indivíduos avaliados por Machado, Matos e Moreira (2003), de pelo menos um ato abusivo perpetrado pelo/a namorado/a e 27% dos indagados assumiram ter adotado condutas violentas dirigidas aos seus parceiros. Também Paiva e Figueiredo (2004) numa outra investigação com estudantes universitários referem que o abuso psicológico é o mais prevalente quer em relação à perpetração (53.8%) quer à vitimização (50.8%) e que o segundo tipo é a coerção sexual com uma perpetração de 18,9% e vitimização de 25.6%.

Num outro estudo com uma amostra de 4667 estudantes do ensino secundário, do ensino profissional e do ensino superior, Machado, Caridade e Martins (2009) relatam que 25.4% dos jovens, entre os 13 e os 29 anos, referiram ter sido vítimas de violência na sua relação de namoro durante esse último ano.

Numa investigação mais recente, Cristóvão (2012) averiguou que o tipo de violência mais presente nas relações íntimas dos jovens é a Violência Emocional/Verbal, e a menos presente é a Violência Física. Observou ainda que, quanto maior a legitimação da crença de violência, maior a prevalência de comportamentos violentos na relação.

Um dos fatores de risco da violência no namoro poderá ser a sociedade ou comunidade onde os jovens estão inseridos, bem como os métodos pobres de gestão parental, influência ou a ligação a pares com comportamentos desviantes (Tolan & Guerra, 1994).

Bandura (1973), baseado na teoria de aprendizagem social, relatou que experienciar abuso físico em criança aumenta o risco de comportamentos agressivos na fase adulta. Segundo esta teoria, a aprendizagem é feita por imitação de comportamentos equivalentes ao do seu modelo padrão. Uma criança que experiencia comportamentos violentos na sua infância poderá achar normal e aceitável comportar-se dessa mesma

forma, em contextos equivalentes. Deste modo, um observador poderá copiar o modelo de comportamento muito depois de ter visto a ação ser executada e mesmo que nenhum reforço imediato tenha sido ganho pelo modelo ou observador (Lewis & Fremouw, 2001).

Wolfe, Wekerle e Pittman (2001) referem, a este respeito, que os efeitos cumulativos dos maus-tratos vividos na infância podem tornar-se problemáticos durante a formação de relações de namoro íntimo.

As interações com os outros são fatores do desenvolvimento do ser humano, desta forma, existe uma forte influência de tudo o que o rodeia. Como consequência das percepções que vão sendo construídas, surgem as crenças. Neste sentido, Machado (2010) refere que o fenómeno violência encontra-se ligado às representações sociais. Estas crenças sociais assumem uma maior relevância na fase da adolescência, devido à experimentação e intensificação das expectativas do género. É, por isto, importante que seja feita uma pesquisa sobre as atitudes e as crenças que legitimam a violência nas relações amorosas e as percepções dos jovens acerca da representação desse tipo de violência (Machado, 2010).

Ainda sobre os fatores de risco, num estudo de Carinhonha e Penna (2012), as autoras referem as influências dos pares como incentivo para aceitação de alguns comportamentos considerados de risco, como o uso de drogas ou a reação com agressividade, ou mesmo a tolerância face à violência, isto porque estes jovens ansiavam pelo reconhecimento e aprovação do grupo onde estavam inseridos.

Como resultado, conexões com amigos com comportamentos desviantes poderão reforçar o comportamento antissocial que poderá estender-se até às experiências de relacionamento íntimo, e mais tarde, a relações de namoro (Morris, Mrug & Windle, 2015).

Sobre este assunto, Foshee *et al.* (2012) referem que se o grupo de pares tiver crenças relacionadas com as regras e leis sociais e se apoiarem comportamentos antidesviantes, levará a que, mesmo se algum membro do grupo tenha crenças opostas (p.ex. crenças ou atitudes de violência), esse membro se sinta constrangido face às suas crenças pessoais, muitas vezes evitando os comportamentos abusivos.

Relativamente às crenças em tempos remotos, a violência nas relações íntimas, era vista por um paradigma feminino: o homem usava os seus poderes e força sobre a mulher, mais fraca e submissa; a mulher era vista apenas como vítima, agredindo somente por autodefesa. Nos dias que correm este padrão de comportamento vai-se desmoronando, visualizando-se uma maior simetria quanto à perpetração e vitimação de violência nas relações íntimas (Stith, McCollum & Boadu, 2012). Defende-se a ideia de que mulheres e homens, embora de diferentes modos, têm problemas de saúde como consequência da violência entre a díade (Oliveira & Gomes, 2009).

Apesar de recentemente estes comportamentos violentos poderem ser experimentados por ambos os parceiros, existem diferenças de género quanto ao grau de severidade do abuso perpetrado (Caridade, Machado & Vaz, 2007).

Winstead, Derlega e Rose (1997) relataram que a maioria dos estudos sobre violência íntima apontam constantemente os homens como protagonistas de violência. No entanto, importa ter em atenção que geralmente estes estudos referiam-se a situações de violência severa, sendo que as diferenças de género atenuam na violência menos severa - como esbofetear, empurrar, atirar objetos, gritar ou insultar - (Straus, 1999;

Saunders, 1988).

Ao nível de interiorização do abuso e de gestão emocional, Kats, Kuffel e Coblenz (2002) demonstram nos seus estudos, que mesmo que ambos os parceiros possam ser vitimados no contexto de namoro, as raparigas sofrem de um maior impacto emocional desse abuso. Curiosamente, outras pesquisas anunciam que o sexo feminino perpetra mais agressão verbal e de forma mais astuta que o sexo masculino (Alvim & Souza, 2005).

González-Ortega, Echeburúa e Corral (2008) corroboram que existem mais mulheres agressoras na adolescência do que na idade adulta.

Babcock, Canady, Graham e Schart (2007) distinguem dois tipos de perpetradores masculinos: o perpetrador categorial, para quem a violência é parte de um esforço global para dominar e controlar o parceiro; e o perpetrador situacional que geralmente se envolve em relacionamentos com mais probabilidade de existência de violência recíproca e onde a violência serve para exercer controlo sob interações específicas, e não como parte de um padrão global de dominação.

Alguns estudos sobre violência em relações íntimas contra as mulheres relacionam a ocorrência de atos de violência como mais provável em relações afetivas mais duradouras e onde existe coabitação (Sugarman & Hotaling, 1991, cit. *In* Mahoney, Williams & West, 2001). No entanto, isto não invalida o início destes comportamentos agressivos mesmo em situações de namoro sem compromisso.

Noutras investigações sobre a violência no namoro, é referido que o estatuto da relação poderá estar positivamente associado à frequência destes comportamentos (Arias, Samios & O'Leary, 1987; Makepeace, 1981), já que, se a relação for mais séria, haverá maior envolvimento e maior à vontade com o parceiro, podendo existir concomitantemente o pensamento de que “esta pessoa é minha, portanto eu faço o que eu quiser, porque ela não me irá abandonar”. O pensamento gera o comportamento, e numa ou outra situação em que haja uma discussão na díade, o sujeito agressivo com o pensamento supramencionado, não terá medo de perder o parceiro íntimo, já que no seu pensamento, é garantido que essa pessoa não vai embora, e que provavelmente não lhe responderá, ou pelo menos, não de forma negativa ou prepotente.

Em Portugal tem-se assistido a uma proliferação da investigação nesta área, ainda que quase unicamente centrado em jovens universitários. Sendo já aceite que a violência no namoro é um problema que necessita de esforços preventivos para que haja uma mudança comportamental que interrompa estes comportamentos abusivos e a sua provável propensão a aumentar (Caridade, Machado & Vaz, 2007) e verificando-se que é cada vez maior a consciencialização da sociedade em geral sobre a gravidade deste problema, é imperativo perceber onde nasce o problema e trabalhá-lo a um nível precoce, para amenizar ou eliminar de vez esta problemática.

Uma vez que é na adolescência que se inicia o comportamento de namoro que estabelece a origem das relações românticas adultas (Crockett & Counter, 1995, cit. *In* Arriaga & Foshee, 2004; Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004), importa estudar o fenómeno da violência em fases mais precoces do namoro, procurando determinar a sua prevalência, as suas manifestações e as suas causas.

## 2. Adolescentes em acolhimento institucional

A problemática da institucionalização de crianças e jovens constitui um tema de extrema importância social, não só pelo número ainda alarmante de jovens em situação de acolhimento em instituição - cerca de 8.470, segundo o Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens de 2014 (IP, 2014) - mas também devido à preocupação relacionada com a qualidade de acolhimento oferecida nas instituições, e à questão de benefício ou malefício de viverem segundo esta condição.

Segundo Carvalho (2013) duas novas leis sobre a infância e juventude foram aprovadas pela Assembleia da República, em 1999: a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, alterada pela Lei n.º 31/2003, de 22 de agosto) e a Lei Tutelar Educativa (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro, Ministério da Justiça), que entraram em vigor no dia um de janeiro de 2001. Estas leis têm subjacente um novo paradigma que visa a promoção de intervenções distintas: por um lado, a proteção junto de crianças e jovens colocados em situação de perigo vítimas de circunstâncias pessoais e sociais de natureza diversa, por outro a responsabilização centrada na “educação para o direito” para aqueles que, entre os 12 anos e os 16 anos de idade, tenham praticado fatos que, à luz da lei penal, seriam considerados crimes. Os adolescentes participantes deste estudo encontram-se ao abrigo da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, permanecendo, portanto, em Instituições de Acolhimento e não em Centros Educativos.

Em tempos remotos, a institucionalização, era vista num formato meramente assistencial, destinando-se essencialmente à proteção de crianças órfãs e abandonadas, servindo para a satisfação de necessidade básicas, como a saúde, higiene e alimentação (Martins & Carvalho, 2010).

Atualmente, o Sistema Nacional Português de Acolhimento contém os seguintes tipos de recursos: Unidade de Emergência, Centro de Acolhimento Temporário, Lar de Infância e Juventude e Famílias de Acolhimento (IP, 2009). O Centro de Acolhimento Temporário destina-se ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, por um período que não deve ultrapassar os seis meses, com base na aplicação de medida de promoção e proteção, tendo como objetivo central a realização de diagnósticos e a definição de projetos de vida. O Lar de Infância e Juventude prevê o acolhimento de adolescentes e jovens adultos com mais de 12 anos em situação de perigo, de duração superior a 6 meses, com base na aplicação de medidas de promoção e proteção, tendo como princípio geral proporcionar estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias.

São inúmeras as razões pelas quais estes jovens em desenvolvimento acabam numa instituição. Desde os maus-tratos físicos e psicológicos, a negligência, o abandono, o abuso sexual, a orfandade, a pobreza, problemas de saúde, a mendicidade, ou mesmo por comportamentos desviantes (Sousa, 2013). Estas diferentes formas de abuso na infância são associadas a distintas psicopatologias em adulto, bem como a problemas sociais e pessoais (Glaser, 2000). A peculiaridade ou gravidade destas problemáticas pode exigir uma atenção profissional especializada que só as instituições terão condições de garantir (Martins, 2005).

Assim, geralmente a institucionalização apresenta-se como a melhor opção para estes adolescentes. Neste sentido, Arpini (2003) refere que os jovens procuram ter atitudes de maior responsabilidade e melhor comportamento, para que não comprometam a sua estadia, por ser esse, o

único caminho para a superação dos trágicos estereótipos da sua história. Nos dias de hoje, ainda existe o forte estigma social de ser visto como um adolescente que vive em instituição (Arpini, 2003). De certa forma, a sociedade considera muitas vezes, erroneamente, que estes adolescentes são, eles próprios, os culpados da sua institucionalização, talvez numa tentativa de evitar visualizar a realidade: de que a “culpa” poderá ser da violência estrutural da sociedade onde os jovens se encontram inseridos ou da negligência ou maus-tratos praticados pelas suas famílias.

A integração numa instituição representa, contudo, uma marca dolorosa na vida destes jovens, pelos motivos que os levaram a viver neste contexto, fazendo com que convivam com experiências dramáticas vividas no passado, somando ainda o distanciamento da figura vinculativa, que leva à reflexão sobre o que significou a sua vida e o que representa a família (Arpini, 2003).

Num estudo sobre as histórias e projetos de vida com adolescentes institucionalizados, Nobre-Lima (2009), refere que a atenção que estes jovens carecem dos seus familiares é de tal tamanho, que até situações negativas são recordadas de maneira positiva, por terem instituído oportunidades para serem alvo de atenção e preocupação por parte dos seus progenitores.

Alexandre e Vieira (2004) expõem que na teoria da vinculação é evidenciada a importância da ligação emocional que se desenvolve entre o bebé e o seu “cuidador” (“cuidador” poderá ser a mãe, ou outra figura mais próxima do bebé) para orientar o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança. Um aspeto muito importante é que a vinculação é a base para a identificação e a determinação de relações duradouras e mútuas, que são o suporte para a constituição de uma rede de apoio social. Em suma, os mesmos autores referem que uma redução das adversidades e um desenvolvimento forte da resiliência poderá ter que ver com uma relação segura de vinculação, vivida na infância.

Estudos de Silva e Nunes (2013), relativos à resiliência em adolescentes institucionalizados, sugerem a presença de fatores protetores nas vidas destes jovens. Estes resultados poderão estar relacionados com vínculos fortes com pares, família ou técnicos, bom aproveitamento escolar e relações positivas com a comunidade. Todos estes fatores fortalecem os recursos internos do adolescente.

Deste modo, as pessoas que têm uma relação de vinculação positiva tendem a acreditar que as outras pessoas são confiáveis e mais capazes de oferecer ajuda (Siqueira, Betts & Dell’Aglia, 2006).

Ao existir este reforço nas relações íntimas, serão estabelecidas bases para uma relação de sucesso no futuro. Não é, portanto, de surpreender que crianças maltratadas tenham mais propensão em experienciar conflitos e violência nas suas relações românticas na adolescência (Wekerle, *et al.*, 2009). Ainda, a carência do processo de partilha emocional entre a família e amigos pode reforçar mais o impacto negativo do abuso emocional no namoro adolescente.

Relativamente ao conceito de resiliência, Cordovil, Crujo, Vilariga e Da-Silva (2011) descrevem-no como a possibilidade dos indivíduos se desenvolverem de forma favorável quando expostos a situações de adversidade ou *stress*. É, portanto, um processo complexo que envolve a interação entre fatores de vulnerabilidade/risco e fatores de proteção.

No processo de desenvolvimento precoce do cérebro existem períodos sensíveis durante os quais algumas experiências afetam a

maturação cerebral. Embora algumas experiências sejam essenciais para o seu desenvolvimento, a ocorrência de experiências nocivas causarão prejuízos ao desenvolvimento do organismo (Glaser, 2000). Uma criança sem uma família saudável, durante ou depois de uma destas experiências nocivas, ou traumáticas, têm mais dificuldades a diminuir a ativação induzida pelo trauma do sistema de resposta de *stress* (Ludy-Dobson & Perry, 2010).

O trauma pode decorrer da exposição à violência. Esta ativa um conjunto de respostas de ameaça no desenvolvimento do cérebro da criança, alterando o desenvolvimento do próprio cérebro, que acabam por se traduzir em mudanças funcionais nas emoções, comportamentos e nas funções cognitivas (Perry, 2001).

De acordo com Martins (2005), a institucionalização pressupõe riscos objetivos e reais, nomeadamente de regulação excessiva da vida quotidiana, invadindo o espaço pessoal; de que a vivência em grupo interfira na organização da intimidade; de que a organização institucional e a permanência prolongada das crianças dificulte a construção da autonomia pessoal dos jovens, na medida em que suspende a construção do projeto de vida; de que o profissionalismo na prestação de cuidados bloqueie o desenvolvimento de vínculos e a expressão dos afetos.

Velarde e Martínez (2008) mencionam ainda que são criados padrões de reforço e punição com a finalidade de manter a harmonia no interior das instituições, o que poderá promover a ideia de que a punição é uma reação automática para o mau comportamento, ou ainda, limitar o controlo de impulsos adequado, levando a padrões rígidos de comportamento, dificuldade na tomada de decisões e ao desenvolvimento de uma atitude pouco crítica.

Também Gomes (2010) defende que sentimentos de punição, estigmatização e discriminação social, destituição e diminuição da responsabilidade parental e familiar, entre outros, poderão ter implicações bastante nefastas nestes jovens.

Os resultados de algumas destas privações são o desenvolvimento de forma incompleta de algumas das habilidades ou o desenvolvimento de atrasos em certas competências, nomeadamente ao nível do desenvolvimento intelectual, físico, comportamental (Maclean, 2003).

Outros fatores que podem ter um impacto negativo sobre o desenvolvimento do jovem em instituição podem ser um atendimento impessoal, a massificação e a privação de afeto, e a grande rotatividade de cuidadores (Moré & Sperancetta, 2010).

Num estudo de Morais, Leitão e Campos (2004), estes adolescentes referenciaram as discussões, desentendimentos, rivalidades, intrigas, jogos de interesse e incompreensão como os aspetos negativos, bastante presentes no dia-a-dia. Ainda que em menor frequência, referiram também a deficiência na higienização, as instalações precárias dos alojamentos, a má qualidade da alimentação e a falta de um acompanhamento mais próximo junto aos alunos por parte dos técnicos, como aspetos negativos.

Por outro lado, os aspetos positivos da institucionalização passam pela possibilidade de criar rotinas e regras, adquirindo estabilidade e organização; o convívio entre os colegas do seu grupo poderá servir para a criação de uma maior destreza em criar laços com os pares e talvez familiares, desenvolvendo sentimentos de pertença e de cooperação e adquirindo valores e padrões de conduta sociais (Santos, 2010).

Se a instituição tiver capacidade de oferecer e garantir os cuidados

adequados relativos à saúde e à alimentação, relações afetivas favoráveis à autoestima e ao sentimento de autoeficácia, atividades que facilitem a adaptação à escola e ao meio social e a elaborar projetos de vida pelo indivíduo, poderá ser uma fonte dos mecanismos de proteção do jovem (Moré & Sperancetta, 2010).

Muitas vezes são também os atributos individuais (contributos para superar a adversidade e para reconstruir as suas trajetórias de vida na presença de fatores de resiliência) que facilitam a superação das adversidades. Estes quando associados aos cuidados estáveis, à qualidade de relacionamento com pares e adultos e à possibilidade de identificação com modelos competentes que se constituem em suporte social poderão manifestar-se como fatores de proteção (Sapienza & Pedromônico, 2005).

Deverá, então, a instituição, proporcionar atenção às diferentes necessidades do jovem, como pessoa em desenvolvimento (Abaid, Dell'Aglio & Koller, 2010).

Portanto, a instituição necessita de fazer parte da rede de apoio social e afetivo destes jovens, provendo recursos para encarar os eventos negativos advindos tanto das suas famílias como do mundo externo, modelos identificatórios positivos, segurança e proteção (Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

Neste âmbito, Marzol, Bonafé e Yunes (2012) num estudo com crianças e jovens institucionalizados, apontam que os cuidadores que têm mais destaque são os que brincam, conversam, ajudam nas tarefas escolares, compartilham atividades de casa, respeitam, protegem dos perigos e orientam. Referem ainda os mesmos autores que o sentimento de amizade e de sentir-se cuidado relaciona-se com um princípio que deveria conduzir a vida nas instituições, ou por outras palavras, deveria ser a essência do princípio do acolhimento.

Ao sentirem que as figuras com quem criaram afeto permanecem presentes nas suas vidas, estes jovens sentem uma segurança emocional que potenciará as suas capacidades adaptativas, tornando-os mais confiantes e capazes de desenvolver estratégias de resolução de conflitos (Mota & Matos, 2008). Desta forma, estas figuras tornam-se mais ativas e mesmo fundamentais no processo de regulação emocional e de integração psicossocial promovendo as competências dos jovens permitindo ao mesmo tempo a expressão das emoções experienciadas (Mota & Matos, 2010).

A regulação destes estados emocionais da criança desenvolvem-se através da repetição das respostas apropriadas de um cuidador atencioso, previsível e consistente perante fatores de *stress*. Desta forma, a criança desenvolve a capacidade de autorregular estes estados emocionais tão bem como expressar as suas emoções (Ludy-Dobson & Perry, 2010).

Pelo tempo despendido na escola, a relação com o professor é também importante: a existência de uma disponibilidade e capacidade de escuta potencia o sentimento de segurança, tornando-os mais recetivos a uma futura relação (Mota & Matos, 2010).

Torna-se, portanto, fulcral a compreensão de que a carência de laços afetivos durante a infância interfere no desenvolvimento saudável da criança, podendo afetar as suas relações com o outro e com o meio que o rodeia (Alexandre & Vieira, 2004).

Bradley *et al.* (2011) nos seus estudos confirmam que a severidade dos maus-tratos na infância encontrou-se associada ao aumento dos níveis de desregulação emocional em adulto.

Também os efeitos cumulativos dos maus-tratos vividos na infância

referem Wolfe, Scott, Wekerle e Pittman (2001), podem tornar-se problemáticos durante a formação de relações de namoro íntimo. Num dos estudos dos autores já mencionados, foram as adolescentes com história de maus-tratos que relataram sofrimento emocional, sintomas relacionados com o *stress* pós-traumático e atos de delinquência violenta e não-violenta. Já os adolescentes masculinos relataram menos sintomas de agitação emocional e comportamento delinquente, mas foram significativamente mais propensos a ser abusivos para com as suas parceiras de namoro. A segunda importante diferença de gênero surgiu nas conclusões de violência no namoro. Neste caso, histórias de maus-tratos foram pronunciadas como fatores de risco para adolescentes do sexo masculino tornando-se autores (bem como vítimas) de violência física e ameaças, e para as adolescentes do sexo feminino, no sentido de se tornarem vítimas de tal violência.

É de grande importância ouvir também estas vozes silenciadas, sobre esta problemática que é a violência no namoro. Transmitir-lhes uma importância merecida, e dar voz a uma das problemáticas pelas quais poderão ou não ter passado.

## II - Objetivos

A violência no namoro é uma problemática que tem sido alvo de preocupação em fases ainda iniciais do desenvolvimento como é a adolescência. Muito em particular no que aos adolescentes que se encontram em acolhimento residencial diz respeito.

A literatura científica (Bradley *et al.*, 2011) tem realçado as dificuldades de regulação emocional destes adolescentes e o impacto negativo que estas dificuldades têm nas relações que estabelecem com os outros. Estas características associadas à dificuldade em preservarem a sua intimidade, pode colocá-los numa posição de particular vulnerabilidade face às experiências de violência nos seus relacionamentos íntimos.

Face a isto, foram estabelecidos para esta investigação os seguintes objetivos:

- (1) Analisar comparativamente a experiência da violência no namoro em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados;
- (2) Analisar comparativamente as atitudes acerca da violência na relação de namoro, e comparar resultados entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados;
- (3) Relacionar atitudes sobre os diversos tipos de violência no namoro, com a perpetração e vitimização de violência no namoro, em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados.
- (4) Analisar, nos adolescentes institucionalizados, a relação entre as experiências de vitimização e perpetração nas relações de namoro e outras variáveis nomeadamente: i) idade; ii) tempo de acolhimento em instituição; iii) duração de namoro.

Em função destes objetivos, estabeleceram-se as seguintes hipóteses:

H1: Os adolescentes institucionalizados experienciam mais violência que os adolescentes não-institucionalizados.

H2: Os adolescentes institucionalizados tendem a manifestar mais atitudes favorecedoras de violência do que os não-institucionalizados.

H3: Existe relação entre idade, tempo de acolhimento em instituição e duração de namoro, e vitimização e perpetração de violência.

### III - Metodologia

#### 1. Amostra

Este estudo é composto por uma amostra de 258 adolescentes, subdividida em dois grupos: o “Grupo 1” constituído por 129 jovens ao abrigo da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, integrados em Lares de Infância e Juventude e Centros de Acolhimento Temporário, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos (M=16.02; DP=1.58), e o “Grupo 2” constituído por 129 adolescentes não-institucionalizados, com idades entre os 14 e 18 anos (M=16.04; DP= 1.366) A amostra é composta maioritariamente por adolescentes do sexo feminino (78.3%) e por jovens de nacionalidade portuguesa (cf. tabela 1a.)

**Tabela 1a. Características gerais da amostra**

	Grupo 1	Grupo 2
	n (%)	n (%)
<i>Sexo</i>		
Masculino	28 (21.7)	28 (21.7)
Feminino	101 (78.3)	101 (78.3)
<i>Idade</i>		
13	9 (7.0)	-
14	16 (12.4)	25 (19.4)
15	21 (16.3)	21 (16.3)
16	28 (21.7)	28 (21.7)
17	34 (26.4)	34 (26.4)
18	14 (10.9)	21 (16.3)
19	7 (5.4)	-
<i>Nacionalidade</i>		
Portuguesa	127 (98.4)	125 (96.9)
Guineense	2 (1.6)	1 (.8)
Alemã	-	1 (.8)
Brasileira	-	1 (.8)
Venezuelana	-	1 (.8)

G1 – adolescentes institucionalizados

G2 – adolescentes não-institucionalizados

Como se pode verificar na Tabela 1b. os jovens que compõem esta amostra residiam maioritariamente em áreas moderadamente urbanas, tendo a amostra incidido na zona norte e centro de Portugal. Ao nível das habilitações literárias, na sua maioria, tanto o Grupo 1 (23.3%) como o Grupo 2 (51.9%), na altura da recolha de dados, possuía o 9º ano.

**Tabela 1b. Características gerais da amostra**

	Grupo 1	Grupo 2
	n (%)	n (%)

<i>Escolaridade</i>		
5º Ano	4 (3.1)	-
6º Ano	18 (14)	-
7º Ano	19 (14.7)	-
8º Ano	24 (18.6)	-
9º Ano	30 (23.3)	67 (51.9)
10º Ano	9 (7.0)	16 (12.4)
11º Ano	16 (12.4)	20 (15.5)
12º Ano	6 (4.7)	25 (19.4)
C. Vocacional	2 (1.6)	-
CEF	1 (.8)	-
<i>Residência</i>		
Predominantemente Urbana	52 (40.3)	39 (30.2)
Moderadamente Urbana	64 (49.6)	51 (39.5)
Predominantemente Rural	13 (10.1)	39 (30.2)

G1 – adolescentes institucionalizados  
G2 – adolescentes não-institucionalizados

No instrumento que mede os comportamentos de violência nas relações amorosas entre adolescentes (CADRI) foram distinguidas duas situações: por um lado as relações em que existe compromisso e que habitualmente se designam por namoro, por outro as relações em que existe um envolvimento mas sem compromisso entre as partes ou sequer a assumpção perante os outros desse mesmo envolvimento. O envolvimento sem compromisso de namoro foi descrito na Tabela 2a. como “*saio ou saí com alguém sem namoro*”, bem como “*envolvimento*”. A “*frequência de envolvimento*” refere-se a uma estimativa, por parte dos adolescentes, relativa à quantidade de vezes em que experimentou este tipo de relação. O item “*sexo envolvimento*” refere-se à questão se os jovens nestes relacionamentos sem compromisso tiveram ou não relações sexuais. Os dados recolhidos permitiram, assim, distinguir o tipo de relação amorosa que os jovens tinham ou haviam tido em algum momento. Esses dados são apresentados na tabela 2a.

**Tabela 2a. Frequências absolutas e relativas do tipo de relação amorosa e de características do envolvimento**

<i>Tipo de Relação</i>	Grupo 1	Grupo 2
	n (%)	n %
Namoro ou já namorei	119 (92.2)	126 (97.7)
Saio ou saí com alguém sem namoro	10 (7.8)	3 (2.3)

<i>Frequência Envolvimento</i>		
1	1 (10)	3 (30)
2	2 (20)	-
3 Ou mais	7 (70)	-
<i>Sexo Envolvimento</i>		
Sim	8 (80)	-
Não	2 (20)	3 (30)

G1 – adolescentes institucionalizados  
G2 – adolescentes não-institucionalizados

Ainda que em número reduzido, alguns jovens relataram terem estado em relacionamentos sem compromisso de namoro (classificado por envolvimento), pelo menos uma vez (frequência de envolvimento). Verificou-se uma maior percentagem de situações de envolvimento no Grupo 1.

A maioria dos jovens que tinham estado numa relação sem compromisso de namoro no Grupo 1 relatou que havia tido relações sexuais. No que concerne ao Grupo 2, os jovens responderam que neste tipo de relação sem compromisso de namoro, nunca haviam experienciado ter relações sexuais.

Analisam-se de seguida as particularidades do namoro vivido pela maioria dos adolescentes da amostra. Estes dados são apresentados na tabela 2b.

**Tabela 2b. Dados referentes ao Namoro**

	Grupo 1	Grupo 2
	n (%)	n %
<i>Idade de namoro</i>		
6	1 (.8)	-
7	2 (1.6)	-
8	5 (3.9)	4 (3.1)
9	5 (3.9)	5 (3.9)
10	11 (8.5)	7 (5.4)
11	5 (3.9)	8 (6.2)
12	20 (15.5)	18 (14.0)
13	24 (18.6)	24 (18.6)
14	29 (22.5)	14 (10.9)
15	12 (9.3)	26 (20.2)
16	3 (2.3)	9 (7.0)
17	1 (.8)	5 (3.9)
18	1 (.8)	2 (1.6)
<i>Número de namorados</i>		
1	14 (10.9)	33 (25.6)
2	32 (24.8)	42 (32.6)
3	31 (24.0)	27 (20.9)
4 Ou mais	42 (32.6)	22 (17.1)
<i>Sexo Namoro</i>		

Sim	71 (55.0)	48 (37.2)
Não	47 (36.4)	78 (60.5)
<i>Duração de Namoro</i>		
0-5	32 (24.8)	35 (27.1)
6-11	22 (17.1)	34 (26.4)
12-18	27 (20.9)	33 (25.6)
19-29	20 (15.5)	13 (10.1)
30-48	18 (14.0)	8 (6.2)

G1 – adolescentes institucionalizados

G2 – adolescentes não-institucionalizados

Relativamente à idade de início de namoro, constata-se que para os adolescentes do Grupo 1 o início ocorreu entre os 12 e os 14 anos ( $M=12.53$ ,  $DP=2.224$ ), e para os jovens do Grupo 2 entre os 12 e os 15 anos ( $M=13.05$ ;  $DP=2.514$ ). Não existe diferença estatística significativa em relação a esta variável ( $p=0.090$ ). Já quanto ao número de namorados que os jovens disseram ter tido, existe diferença estatística significativa ( $p=0.03$ ), sendo que os jovens do Grupo 1 ( $M=3.82$ ,  $DP=4.347$ ) já tiveram mais namorados do que os jovens do Grupo 2; ( $M=2.56$ ,  $DP=1.813$ ). Curiosamente em relação à duração de namoro, existe também diferença estatisticamente significativa ( $p=0.010$ ), sendo que os jovens do Grupo 1 têm relacionamentos mais longos (Grupo 1  $M=15.01$ ,  $DP=11.82$ ; Grupo 2  $M=11.41$ ,  $DP=9.70$ ). Finalmente, em relação ao envolvimento sexual na relação de namoro, a maioria do Grupo 1 diz ter tido relações sexuais, constatando-se o contrário no Grupo 2.

Tendo em conta que o número de adolescentes que só viveram experiências de envolvimento sem compromisso é muito reduzido e que nesses relacionamentos ocorreram interações típicas do namoro, estes adolescentes foram considerados juntamente com os que namoram para a análise de dados.

Sobre os adolescentes que se encontram em acolhimento institucional (Grupo 1) foram recolhidos alguns dados, apresentados na Tabela 3, e que a seguir se descrevem.

O tempo de acolhimento é em média de 2 anos e meio ( $M=30.20$  meses;  $DP=35.90$ ) e a maioria encontrava-se na instituição pela primeira vez.

Quanto ao motivo relacionado com a integração em regime de acolhimento, a maioria revela ser problemas de caráter familiar (e.g. mau relacionamento com pais; destituição e diminuição de responsabilidade parental, etc.), seguindo-se os comportamentos desviantes (e.g. consumo de álcool, drogas, furtos, etc.).

Em relação ao tipo de instituição, a maioria é só de raparigas.

**Tabela 3. Dados relativos à Institucionalização**

	n	%
<i>Tempo de institucionalização</i>		

0-11	49	38.0
12-23	22	17.1
24-47	31	24.0
48-192	27	20.9
<i>Outras instituições</i>		
Sim	39	30.2
1	23	17.8
2	8	6.2
3	2	1.6
4	6	4.7
Não	90	69.8
<i>Motivo</i>		
Não sabe	12	9.3
Abandono escolar	19	14.7
Maus tratos	19	14.7
Problemas familiares	35	27.1
Comportamento de risco	21	16.3
Sem abrigo	6	4.7
Vontade própria	6	4.7
Sabe mas não quer dizer	11	8.5
<i>Tipo de instituição</i>		
Mista	22	17.1
Rapazes	17	13.2
Raparigas	90	69.8

## 2. Instrumentos

O protocolo da presente investigação incluiu um questionário sociodemográfico e dois instrumentos de autorresposta que permitiram, nomeadamente, avaliar as atitudes de violência nos relacionamentos de namoro e as estratégias de resolução de conflito no namoro.

### 2.1. Questionário de dados sociodemográficos

Por forma a recolher alguma informação sobre os sujeitos da amostra elaborou-se um questionário de dados sociodemográficos que continha os seguintes aspetos: idade, sexo, nacionalidade, habilitações literárias, tempo de institucionalização, se já tinham residido noutras instituições e se sim, em quantas, o motivo da institucionalização, tipo de instituição, tipo de área onde reside, tipo de relacionamento: se envolvimento sem compromisso, quantas vezes e se tinha tido relações sexuais, se compromisso de namoro, com que idade tinha começado a namorar, quantos namorados tinha tido, se tinha existido relações sexuais e a duração do namoro mais longo (cf. Anexo).

## **2.2. Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI)**

O Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes é uma adaptação realizada em 2008 para a população portuguesa por R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D.Vieira do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI), desenvolvido e validado por uma equipa de investigadores, coordenada por David Wolfe. Este questionário de autorresposta é constituído por duas dimensões, ambas com 35 itens cada. Numa dimensão são avaliadas as estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelo sujeito, na outra dimensão são avaliadas as estratégias de resolução de conflitos das quais o sujeito relata ser alvo por parte do/a parceiro/a. Desta forma, cada parte é composta pelos mesmos dois fatores: estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas, e estratégias de resolução de conflitos de conflitos abusivas.

O CADRI avalia a ocorrência de formas específicas de abuso, considerando cinco subescalas como a violência sexual, a violência relacional, a violência verbal/emocional, a violência física e os comportamentos de ameaça.

A versão original e a versão adaptada desta escala foram elaboradas para a aplicação junto da população adolescente e testadas em contexto escolar, sendo dirigidas a alunos do ensino secundário, ou com idade igual ou superior a 14 anos de idade. Dirigem-se a jovens com experiência atual ou passada de envolvimento em relações amorosas.

A cotação dos itens é de 0 a 3, de acordo com a sua ocorrência e frequência, onde o Nunca é cotado como 0; o Raramente é cotado como 1; o Às Vezes é cotado como 2; e o Frequentemente será cotado com o valor 3. O valor de cada fator será calculado pela soma dos seus itens.

O valor da consistência interna do inventário, avaliado pelo alpha de Cronbach, é de 0.90. No entanto, importará efetuar uma distinção do valor de alpha relativo a cada uma das escalas/dimensões avaliadas - comportamento agressor e comportamento vítima - sendo que este valor é, respetivamente de 0.82 e 0.81. Trata-se, pois, de um instrumento com bom nível de consistência interna em relação aos seus itens constituintes.

## **2.3. Escala de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN)**

A Escala de atitudes acerca da violência no namoro é uma adaptação para a população portuguesa por Saavedra, Machado & Martins (2008) da *Attitudes Toward Dating Violence Scale*, desenvolvida e validada em 1999, por Price, Byers e *The Dating Violence Research Team*.

Esta escala foi desenvolvida para aplicação junto da população adolescente. O processo de validação da escala original foi realizado junto de alunos do 7º, 9º e 11º anos de escolaridade, com o propósito de incluir jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos. Em Portugal, esta escala foi, numa primeira fase, testada com alunos entre o 7º e 12º ano, sendo que a validação final incluiu apenas alunos do 9º de escolaridade. Uma vez que se trata de uma escala de atitudes, este instrumento não pressupõe uma relação amorosa.

O EAVN é uma escala de autorresposta, constituída por um total de 76 itens, organizados em seis subescalas que avaliam as atitudes dos sujeitos

relativamente à violência psicológica, física e sexual nas relações de intimidade na adolescência: violência psicológica masculina, violência física masculina, violência sexual masculina, violência psicológica feminina, violência física feminina e violência sexual feminina.

A maioria dos itens é cotada segundo uma escala de Likert de 5 pontos que varia desde discordo totalmente (1) a concordo totalmente (5), com a exceção de alguns itens cuja forma de cotação é invertida, de modo a controlar a forma negativa como as afirmações são colocadas aos sujeitos. Os itens invertidos e as subescalas a que estes pertencem são os seguintes: violência psicológica masculina (1, 2, 5, 9, 10, 13), violência física masculina (1, 3, 5, 7), violência sexual masculina (2, 4, 5, 12), violência psicológica feminina (1, 2), violência física feminina (7, 8, 10, 12) e violência sexual feminina (1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10). Pontuações mais elevadas indicam uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos.

Embora cada subescala não possua o mesmo número de itens, o valor de cada subescala será calculado pela soma dos seus itens e não pelas médias, de forma a manter os mesmos padrões de cálculo que foram utilizados noutros estudos portugueses cuja escala foi utilizada e aferida

Na sua versão adaptada, o alpha de Cronbach da escala total é de 0.94. Trata-se, assim, de uma escala com um elevado nível de consistência interna. As seis subescalas VPM, VFM, VSM, VPF, VFF e VSF, assumem os seguintes níveis de alpha: 0.77, 0.81, 0.80, 0.79, 0.84 e 0.83.

### **3. Procedimentos**

#### **3.1. Seleção e recolha da amostra**

A obtenção da amostra foi realizada através de um pedido de colaboração formal, dirigido e entregue presencialmente aos Diretores Técnicos de cada instituição. Em alguns casos, o pedido foi enviado por *e-mail*, e por contato via telefone, a fim de acelerar o processo e obter uma resposta mais rápida.

Foram obtidos oito pareceres positivos, na sua totalidade, da região norte e centro de Portugal. Os protocolos foram aplicados e recolhidos presencialmente pela investigadora, à exceção de uma instituição, por impossibilidade de presença.

#### **3.2. Aplicação do protocolo**

A aplicação do protocolo teve em conta as características peculiares da amostra em estudo. Assim, antes da aplicação do protocolo, procurou-se criar uma relação com os jovens para que houvesse envolvimento total na tarefa pedida. De seguida, foi exposta a explicação de como deveriam proceder, explicitando que em caso de alguma dúvida, esta seria esclarecida.

A aplicação dos questionários foi sempre em grupo, supervisionada pela investigadora, e em alguns casos com o auxílio dos respetivos Diretores Técnicos.

Em alguns casos particulares, foi necessário o acompanhamento individual e portanto, a leitura na íntegra do protocolo, e a explicitação de algumas questões, a fim de não comprometer as respostas dadas pelos participantes.

### 3.3. Análise e tratamento dos dados

Após a recolha da amostra, procedeu-se à enumeração aleatória dos questionários, com a finalidade de identificação.

Posteriormente, os dados foram inseridos no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 22, procedendo-se à sua análise através de distintos procedimentos estatísticos:

- 1) Estatísticas descritivas de tendência central e dispersão;
- 2) Teste do qui-quadrado para comparação das proporções entre grupos;
- 3) Cálculo de coeficiente de *Pearson* para os estudos das correlações;
- 4) Teste *t* para amostras independentes para estabelecer comparações entre as médias de cada grupo.

## IV - Resultados

### 1. A experiência de violência no namoro em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados

No CADRI, para cada questão existem quatro opções de resposta, como já referido: “nunca”, “raramente”, “às vezes” e “frequentemente”. Assim, nas Tabelas 4 e 5, o “Não” expressa o total de respostas “nunca” e o “Sim” corresponde ao somatório das respostas que indiciam ter ocorrido a experiência de violência.

Nestas tabelas apresentam-se também os resultados obtidos através do teste não-paramétrico Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ) utilizado para testar as percentagens de respostas “sim” e “não” por tabulação cruzada.

#### 1.1. Experiência vitimização de violência

Através da análise das estatísticas descritivas, pôde-se verificar a frequência de respostas quanto às diferentes subescalas e ao nível da vitimização de violência nos dois Grupos (Grupo 1 – adolescentes institucionalizados, Grupo 2 – adolescentes não-institucionalizados).

**Tabela 4.** Frequências relativas (%) das respostas de vitimização no namoro dos adolescentes institucionalizados (G1) e não institucionalizados (G2) e respetivas comparações ( $\chi^2$ )

	Grupo 1 (n=129)		Grupo 2 (n=129)		$\chi^2$	p
	Não	Sim	Não	Sim		
Violência Física	82.9	17.1	83.7	16.3	0.028	0.867
Violência Sexual	79.8	20.2	78.3	21.7	0.094	0.760
Violência Verbal	41.1	58.9	45.0	55	0.395	0.530
Comportamentos de Ameaça	58.9	41.1	67.4	32.6	2.016	0.156
Abuso Relacional	82.2	17.8	79.1	20.9	0.397	0.529
ERC Abusivas	49.6	50.4	56.6	43.4	1.261	0.262
ERC Positivas	2.3	97.7	7.0	93	3.146	0.076
Comportamentos Violentos	82.2	17.8	89.1	10.9	2.556	0.110

Nota: ERC= Estratégias de Resolução de Conflitos

G1 – adolescentes institucionalizados

G2 – adolescentes não-institucionalizados

#### 1.1.1. Análise Qualitativa

Formulando uma análise de forma qualitativa, os resultados da Tabela 4 revelam que os adolescentes dos dois grupos consideram que aquando um conflito com o seu parceiro íntimo, este procura utilizar Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas, evitando que haja uma ofensa psicológica a ambos. No entanto, também em ambos os grupos as Estratégias de Resolução de Conflitos de forma Abusiva emergem para cerca de metade dos adolescentes como sendo utilizadas pelos pares na gestão de situações de conflito. O mesmo não se verifica aquando a análise da Violência Verbal e

das Estratégias de Resolução de Conflitos Não-abusivas (ou positivas), onde se verificam percentagens mais elevadas.

Ainda que não seja de uma forma acentuada, verifica-se também relativamente à Violência Verbal que existe mais de metade de respostas positivas. O que poderá significar que estes jovens sentem que sofrem, de alguma forma, deste tipo de violência perpetrada pelo seu namorado(a), corroborando, de certa forma, a existência de Estratégias de Resolução de Conflitos abusivas.

Os resultados apresentados na Tabela 4 revelam que, tanto os adolescentes institucionalizados como os adolescentes não-institucionalizados, experimentam menos Violência Física, seguida do Abuso Relacional e dos Comportamentos Violentos, e por fim da Violência Sexual.

Reitera-se, portanto, que os jovens participantes do presente estudo, relatam ter experiências de vitimização mais a um nível psicológico, e menos ao nível físico.

### 1.1.2. Análise Comparativa

Relativamente à comparação entre grupos, analisada através do teste de Qui-Quadrado, os resultados não revelam qualquer diferença estatisticamente significativa os jovens do Grupo 1 e os jovens do Grupo 2, respondem de forma equivalente às restantes subescalas.

### 1.2. Experiência perpetração de violência

Novamente através da análise das estatísticas descritivas verifica-se a frequência de respostas quanto às diferentes subescalas, desta feita, ao nível da perpetração de violência, no Grupo 1 e no Grupo 2.

**Tabela 5.** Freqüências relativas (%) das respostas de perpetração dos adolescentes da amostra (G1+G2) tendo em conta a utilização de diferentes tipos de estratégias abusivas e não abusivas no namoro e resultado da sua comparação entre grupos

	Grupo 1 (n=129)		Grupo 2 (n=129)		$\chi^2$	p
	Não	Sim	Não	Sim		
Violência Física	79.1	20.9	89.1	10.9	4.901	0.027
Violência Sexual	85.3	14.7	82.2	17.8	0.455	0.500
Violência Verbal	43.4	56.6	44.2	55.8	0.016	0.900
Comportamentos de Ameaça	58.9	41.1	70.5	29.5	2.412	0.120
Abuso Relacional	91.5	8.5	86.0	14	1.904	0.168
ERC Abusivas	58.1	41.9	55.8	44.2	0.020	0.887
ERC Positivas	3.1	96.9	6.2	93.8	1.398	0.237
Comportamentos Violentos	88.4	11.6	89.9	10.1	0.160	0.689

Nota: ERC= Estratégias de Resolução de Conflitos

G1 – adolescentes institucionalizados

G2 – adolescentes não-institucionalizados

### 1.2.1. Análise Qualitativa

Analisando a Tabela 5 encontram-se resultados semelhantes aos da Tabela 4, desta feita, relativamente à perpetração. Da mesma forma que na sua grande maioria os adolescentes consideram não ser vítimas de Violência Física, Violência Sexual, Abuso Relacional e Comportamentos Violentos, também não sentem que perpetraram estes tipos de comportamentos de forma violenta com os seus parceiros íntimos. O que poderá indicar, mais uma vez, que aquando estes jovens experienciam conflitos com os (as) seus (suas) namorados (as), os tipos de comportamentos agressivos de forma mais física são menos usuais ou inexistentes.

Quanto à Violência Verbal verifica-se que esta é utilizada por cerca de metade dos adolescentes de ambos os. Outro ponto a considerar relaciona-se, novamente, com as Estratégias de Resolução de Conflito Positivas. Significando que, em relação a um conflito no relacionamento, os jovens possuem Estratégias Positivas quanto à sua resolução. O que indicia que apesar destes jovens perpetrarem Violência Verbal (e.g. dizer coisas só para deixar o parceiro intimo furioso), possuem Estratégias de Resolução de Conflitos que possam daí advir, de forma positiva (e.g. admitir que teve culpa).

Curiosamente, quanto à frequência de respostas positivas na perpetração de Violência Verbal, e nas Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas, o Grupo 1 revela valores semelhantes aos do Grupo 2, apesar destes valores para o 2º grupo serem ligeiramente mais baixos.

### 1.2.2. Análise Comparativa

Relativamente à comparação entre grupos, verifica-se que a única diferença com significado estatístico encontrada foi na subescala Violência Física, o que significa que os adolescentes institucionalizados usam mais de Violência Física com os seus pares amorosos do que os adolescentes não-institucionalizados.

## 2. Atitudes acerca da violência no namoro em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados

Com o objetivo de comparar as atitudes acerca dos vários tipos de violência (psicológica, física e sexual) diferenciado por género, procedeu-se à comparação das médias e desvios-padrão, através do cálculo do teste *t de student* para amostras independentes (Tabela 6).

**Tabela 6. Médias e Desvios Padrão das variáveis da EAVN**

	Grupo 1	Grupo 2	Teste <i>t</i>	
	M (DP)	M (DP)	<i>t</i>	<i>p</i>
VPM	2.71 (.446)	2.70 (.441)	0.019	0.985
VFM	2.83 (.617)	2.68 (.555)	2.149	0.033
VSM	2.60 (.470)	2.43 (.427)	2.911	0.004
VPF	2.44 (.540)	2.26 (.507)	2.678	0.008

Violência no Namoro e Atitudes Associadas: Estudo Comparativo entre Adolescentes Institucionalizados e Adolescentes Não-Institucionalizados  
Cindy Cardoso da Fonseca (e-mail:cindyfonseca@outlook.pt) 2015

VFF	2.49 (.540)	2.36 (.495)	2.044	0.042
VSF	3.18 (.571)	3.25 (.580)	-0.965	0.336

G1 – Adolescentes institucionalizados

G2 – Adolescentes não-institucionalizados

VPM – Violência Psicológica Masculina; VFM – Violência

Física Masculina; VSM – Violência Sexual Masculina; VPF –

Violência Psicológica Feminina; VFF - Violência Física

Feminina; VSF – Violência Sexual Feminina.

No geral, os dois grupos demonstram valores equivalentes. Apenas alguns resultados revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ( $p < .05$ ), nomeadamente em relação às atitudes de Violência Física Masculina ( $t=2.149$ ;  $p=0.033$ ), à Violência Sexual Masculina ( $t=2.911$ ;  $p=0.004$ ); à Violência Psicológica Feminina ( $t=2.678$ ;  $p=0.008$ ) e em relação à Violência Física Feminina ( $t=2.044$ ;  $p=0.042$ ).

Estes resultados indicam que os adolescentes institucionalizados (Grupo 1) são mais tolerantes em relação à intenção de perpetração de Violência Física e Sexual de rapazes às raparigas, e de intenção de perpetração de violência psicológica e física de raparigas aos rapazes.

De um modo geral, os dois grupos parecem revelar ser mais tolerantes em relação à Violência Sexual Feminina.

### 3. Relação entre atitudes e práticas de violência no namoro em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados

Com o objetivo de compreender se as atitudes acerca dos vários tipos de violência estão correlacionadas com a perpetração ou vitimização de violência no namoro, executou-se o cálculo do coeficiente de *Pearson*, entre os fatores Violência Física, Violência Sexual e Violência Psicológica do CADRI (vitimização e perpetração) e os fatores Violência Física Masculina e Feminina, Violência Sexual Masculina e Feminina, e Violência Psicológica Masculina e Feminina, para os adolescentes institucionalizados (Grupo 1-G1) e para os adolescentes não-institucionalizados (Grupo 2-G2).

**Tabela 7. Relação entre atitudes e conflitos da violência física**

CADRI	EAVN			
	Violência Física Masculina (VFM)		Violência Física Feminina (VFF)	
	G1	G2	G1	G2
Violência Física - Perpetração	.214*	.096	.272**	.085
Violência Física - Vitimização	.162	.203*	.181*	.100

\*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$

G1 – adolescentes institucionalizados

G2 – adolescentes não-institucionalizados

Nota: EAVN – Escala de Atitudes acerca da Violência no namoro;

Violência no Namoro e Atitudes Associadas: Estudo Comparativo entre Adolescentes Institucionalizados e Adolescentes Não-Institucionalizados  
Cindy Cardoso da Fonseca (e-mail:cindyfonseca@outlook.pt) 2015

CADRI – Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro  
Adolescentes

Em relação à Tabela 7, no Grupo 1 existe uma correlação, ainda que fraca, entre a perpetração de Violência Física e as atitudes de Violência Física Masculina ( $r=.214$ ,  $p=.015$ ) e Feminina ( $r=.272$ ,  $p=.002$ ). Também ao nível da vitimização de Violência Física existe correlação, com as atitudes de Violência Física Feminina ( $r=.181$ ,  $p=.040$ ).

Desta forma, salienta-se que existe uma associação entre as atitudes relativas à Violência Física Masculina (o rapaz à rapariga) e Feminina (a rapariga ao rapaz) e a perpetração de Violência Física. De outra forma, as atitudes de Violência Física Feminina (a rapariga ao rapaz) estão associadas à vitimização de Violência Física.

Quanto aos adolescentes do Grupo 2, existe correlação, também fraca, ao nível das atitudes de Violência Física Masculina e a vitimização de Violência Física ( $r=.203$ ,  $p=.021$ ). Assim, existe associação entre as variáveis Violência Física Masculina (o rapaz à rapariga) e vitimização de Violência Física.

De um modo geral, podemos dizer que estes jovens endossam atitudes de violência no namoro.

**Tabela 8. Relação entre atitudes e conflitos da violência sexual**

CADRI	EAVN			
	Violência Sexual Masculina (VSM)		Violência Sexual Feminina (VSF)	
	G1	G2	G1	G2
Violência Sexual – Perpetração	.232**	-.007	.069	-.142
Violência Sexual - Vitimização	.066	.161	.021	-.260**

\*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$

G1 – adolescentes institucionalizados

G2 – adolescentes não-institucionalizados

Nota: EAVN – Escala de Atitudes acerca da Violência no namoro;

CADRI – Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro

Adolescentes.

Em conformidade com a Tabela 8, verifica-se que na temática Violência Sexual, existe apenas uma correlação fraca e positiva entre perpetração de Violência Sexual e as atitudes acerca da Violência Sexual Masculina para o Grupo 1 ( $r=.232$ ,  $p=.008$ ). Há uma associação entre as variáveis Violência Sexual Masculina (o rapaz à rapariga) e perpetração de Violência Sexual.

Já para o Grupo 2, ao nível da Violência Sexual, verifica-se correlação, também fraca e negativa, entre as atitudes de Violência Sexual Feminina e a vitimização de Violência Sexual ( $r= -.260$ ,  $p=.003$ ). Desta forma, a Violência Sexual da rapariga ao rapaz, diminuirá se a vitimização

do comportamento de Violência Sexual aumentar, ou vice-versa.

**Tabela 9. Relação entre atitudes e conflitos da violência psicológica**

CADRI	EAVN			
	Violência Psicológica Masculina (VPM)		Violência Psicológica Feminina (VPF)	
	G1	G2	G1	G2
Violência Psicológica – Perpetração	-.066	.013	.131	.216*
Violência Psicológica - Vitimização	-.051	.018	.145	.166

\*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$

G1 – adolescentes institucionalizados

G2 – adolescentes não-institucionalizados

Nota: EAVN – Escala de Atitudes acerca da Violência no namoro; CADRI – Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes.

Finalmente, no que concerne à Violência Psicológica, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos para o Grupo 1 (Tabela 9), não existindo portanto, qualquer associação entre as variáveis.

Relativamente ao Grupo 2, existe unicamente uma correlação fraca, entre as atitudes de violência psicológica feminina e a perpetração da violência verbal ( $r=.216$ ,  $p=.014$ ). Ou seja, as variáveis Violência Psicológica Feminina (a rapariga ao rapaz) e Violência Verbal encontram-se associadas de forma positiva.

Restabelece-se que no Grupo 1 as crenças em relação à violência física masculina e feminina correlacionam-se com a perpetração de violência física, ao invés, no Grupo 2, estas crenças de violência física meramente masculina relacionam-se com a experiência de vitimização. Ainda em relação à violência física, e apenas no Grupo 1, as crenças de violência física feminina correlacionam-se com a violência física feminina.

Quanto à violência sexual, no Grupo 1 as crenças de violência sexual masculina correlacionam-se com a perpetração de violência sexual, já no Grupo 2, pelo contrário, as crenças de violência sexual feminina têm relação com a vitimização de violência sexual.

Ao contrário do que poderia ser esperado, ao nível da violência psicológica/verbal, não se encontram resultados estatisticamente significativos para o Grupo 1, porém, no Grupo 2 as crenças de violência psicológica feminina relacionam-se com a perpetração da violência verbal.

#### **4. A relação das experiências de vitimização e perpetração de violência no namoro em adolescentes institucionalizados com variáveis relativas ao namoro**

##### **4.1. Relação com a idade**

Os resultados relativos à análise de correlação entre vitimização, perpetração e idade do adolescente (cf. Tabela 10), revelam não existir quaisquer resultados estatisticamente significativos entre estas variáveis, não

demonstrando existir qualquer relação entre idade do adolescente, perpetração e vitimização de violência.

**Tabela 10. Correlação entre vitimização, perpetração e idade (n=129)**

	Idade	
	Vitimização	Perpetração
Violência Física	.050	-.002
Violência Sexual	-.083	.074
Violência Verbal	.082	.151
Comportamentos de Ameaça	.063	.102
Abuso Relacional	-.012	-.025
ERC Abusivas	.040	.094
ERC Positivas	.149	.159
Comportamentos Violentos	-.017	.029

Nota: ERC= Estratégias de Resolução de Conflitos

#### 4.2. Relação com o tempo de acolhimento em instituição

Relativamente à análise de correlação entre vitimização, perpetração e tempo de acolhimento em instituição, verifica-se apenas uma correlação significativa, positiva e baixa ( $r=0.178$ ,  $p < 0.05$ ) entre o tempo de permanência na instituição e a perpetração de Violência Física pelos adolescentes. Tal significa que o aumento do tempo de acolhimento se encontra associado a uma maior utilização de violência física com namorado(a).

**Tabela 11. Correlação entre vitimização, perpetração e tempo de acolhimento em instituição (n=129)**

	Tempo instituição	
	Vitimização	Perpetração
Violência Física	-.126	.178*
Violência Sexual	-.122	.000
Violência Verbal	-.045	.077
Comportamentos de Ameaça	-.104	.077
Abuso Relacional	.062	.025
ERC Abusivas	-.028	.085
ERC Positivas	.007	-.058
Comportamentos Violentos	-.159	.118

\*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$

Nota: ERC= Estratégias de Resolução de Conflitos

Analisando os restantes resultados, verifica-se não existir qualquer correlação entre os diversos tipos de violência, a vitimização e a perpetração ao nível dos restantes tipos de violência e o tempo em que os adolescentes se encontram acolhidos em instituição.

### 4.3. Relação com a duração de namoro

Os resultados relativos à análise de correlação entre vitimização, perpetração e duração de namoro, também demonstram não existir quaisquer resultados estatisticamente significativos entre estas variáveis, a Tabela 12 inclui estes resultados. Significando que a duração ou o tempo em que os jovens se encontram envolvidos não tem qualquer associação à vitimização ou perpetração de qualquer tipo de violência.

**Tabela 12. Correlação entre vitimização, perpetração e duração de namoro (n=129)**

	Duração de namoro	
	Vitimização	Perpetração
Violência Física	-.070	-.113
Violência Sexual	.064	.093
Violência Verbal	.111	.016
Comportamentos de Ameaça	-.005	-.151
Abuso Relacional	-.052	-.153
ERC Abusivas	.054	-.047
ERC Positivas	.132	.130
Comportamentos Violentos	-.018	-.107

Nota: ERC= Estratégias de Resolução de Conflitos

## V - Discussão

No decorrer dos últimos anos, sabe-se que inúmeras foram as investigações elaboradas sobre o tema violência, seja violência doméstica, ou no namoro, seja por bullying ou cyberbullying. É este um dos temas que mais preocupa o ser humano, pela gravidade de efeitos e consequências que poderão emergir.

O facto de um indivíduo possuir uma vontade extrema de prevalecer sobre um outro, leva a que se repense na moralidade e que se fique com pavor do que poderá vir a seguir. Não é, portanto, de surpreender que este tema seja tão expresso e divulgado nos tempos que correm.

De facto, sobre a violência no namoro existem inúmeros estudos, contudo, estes geralmente incidem em amostras de jovens universitários. Em Portugal, não foram encontrados estudos em adolescentes que estejam acolhidos em instituição sobre esta temática. Por conseguinte, estabeleceu-se como objetivo principal conhecer a expressão da violência no namoro nos adolescentes institucionalizados por comparação com adolescentes que vivem com as suas famílias. Procurou-se analisar não só os comportamentos de violência nas relações amorosas dos adolescentes nas duas condições, como também as suas atitudes em relação a determinadas práticas de violência.

Conforme descrito anteriormente, um dos objetivos do estudo prendia-se com a análise da experiência de vitimização e perpetração de violência no namoro nos dois grupos que compõem a amostra, o grupo 1 composto por adolescentes institucionalizados e o grupo 2 de que fazem parte adolescentes não-institucionalizados. Os resultados deste estudo revelam que, face aos diferentes tipos de violência, os dois grupos de adolescentes apresentam resultados muito similares: ambos dizem sofrer menos de Violência Física e Violência Sexual, ao invés, consideram-se mais vítimas da Violência Verbal, e ainda, aquando a ocorrência de um conflito, os jovens parecem procurar resolver as coisas a bem, socorrendo-se para tal, a Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas, que no fundo são estratégias que beneficiam ambas as partes. Apenas nos adolescentes institucionalizados, embora que de uma forma mais ligeira, os jovens parecem sentir-se vítimas de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas.

Relativamente às duas dimensões, Estratégias de Resolução de Conflitos, positivas e abusivas, os adolescentes institucionalizados revelam que mais de metade das resoluções de conflitos dos seus parceiros íntimos são de uma forma positiva, e que apenas metade destes adolescentes respondem serem vítimas de Estratégias de Resolução de Conflitos abusivas por parte do parceiro.

Salienta-se que, a presente investigação é constituída maioritariamente, por jovens do sexo feminino, desta forma, poderemos relacionar este fato com a menor quantidade de respostas relativamente à vitimização de Estratégias de Resolução de Conflitos abusivas, pois, nos estudos de Saavedra e Machado (2012) as raparigas relatam maior utilização

de Estratégias de Resolução de Conflitos abusivas, ainda que também considerem serem vítimas de igual forma. O mesmo se verifica em relação à utilização de Estratégias de Resolução de Conflitos positivas. Nesta perspectiva, consideraríamos que esta menor quantidade de resposta poderia corresponder às respostas dos elementos do sexo masculino, não descartando a possibilidade de uma ou mais raparigas ter respondido neste sentido de igual forma.

Também ao nível da vitimização, agora de Violência Verbal, verifica-se uma ligeira percentagem. Alvim e Souza (2005) referem que as mulheres são apontadas como mais perpetradoras deste tipo de violência, e também que, são mais vítimas de uma violência mais severa e ou de cariz sexual (Mahoney, Williams & West, 2001) tal parece não se constatar relativamente ao presente estudo.

Novamente na investigação de Saavedra e Machado (2012), os rapazes apresentavam níveis significativamente mais elevados de tolerância às diferentes formas de violência, quer fosse perpetrado por rapazes ou raparigas. As autoras referem que, isto parece ser explicado pelo fato de os rapazes serem socializados no sentido de uma maior agressividade nos seus relacionamentos interpessoais.

Quanto aos resultados relativos à experiência de perpetração de violência, curiosamente, os jovens, na sua maioria, dizem não perpetrar Violência Física e Violência Sexual, destacando-se uma maior perpetração também para a Violência Verbal e de Estratégias de Resolução de Conflitos positivas novamente, para os dois grupos.

Paiva e Figueiredo (2004) no seu estudo observaram que a elevada ocorrência de agressão psicológica, pode dever-se ao fato de os sujeitos considerarem estes comportamentos como não abusivos e socialmente normalizados, tornando o seu relato menos culpabilizante e mais frequente. Por outro lado, relatam menos as formas de abuso físico ou sexuais severas, mais estigmatizantes, sancionáveis e por isso talvez menos reportados.

Mais do que os adolescentes que vivem com as suas famílias, os adolescentes institucionalizados tendem a utilizar formas de violência física nas interações com os seus pares amorosos.

Isto poderá ser explicado pelo fato destes jovens poderem ter vivenciado experiências de maus-tratos na sua infância. González-Ortega, Echeburúa e Corral (2008) referem que as razões que levam os jovens a comportar-se de forma agressiva são especialmente, a violência em família e na sociedade, a exposição à violência nos meios de comunicação, assim como a incapacidade de resolução de conflitos.

Para Madan, Mrug e Windle (2015) é a exposição à disciplina severa e à violência interparental na infância que contribui para a formação de crenças a favor da violência e de comportamentos agressivos na relação com os pares, o que poderá facilitar o desenvolvimento de relações com outros que aceitem e empenhem-se em mais comportamentos antissociais.

Já para Wekerle, *et al.* (2009) se existir, de fato, um início de relações positivas na infância, existirá num futuro a base para um relacionamento de sucesso, portanto, no geral estes jovens que sofrem de algum modo maus-

tratos nas relações com os seus pais, carecem desta vinculação segura, carecem de uma visão de segurança no outro, daí que não seja de surpreender que estes adolescentes experienciem conflitos de violência nas relações românticas. Também Wolfe, Scott, Wekerle e Pittman (2001), referem que os maus-tratos vividos na infância poderão tornar-se problemáticos na formação de relações de namoro.

Outro dos objetivos contempla a análise das atitudes acerca da violência na relação de namoro. Verificou-se que os adolescentes institucionalizados tendem a corroborar mais atitudes de perpetração de Violência Física Masculina, de Violência Sexual Masculina, de Violência Psicológica Feminina e de Violência Física Feminina do que os não-institucionalizados

Relativamente aos adolescentes institucionalizados, Wolfe, Scott, Wekerle e Pittman (2001) nos seus estudos verificaram que as histórias de maus-tratos foram proferidas como fatores de risco para adolescentes do sexo masculino, tornando-se autores (assim como vítimas) de violência física e de ameaças, já para as raparigas, os maus-tratos vividos, relacionam-se com a vitimização da violência supracitada.

Os resultados acima mencionados revelam alguma condescendência relativamente à Violência Física - masculina e feminina - (*“um rapaz pode bater na namorada porque ela o mereceu”, “o amor faz com que o rapaz fique tão louco, que bate na namorada”, “algumas raparigas têm que bater no namorado para serem ouvidas” ou para que “ele a respeite”*), Violência Psicológica feminina (*“mandar no que o namorado veste, no que deve ou pode fazer”*), e Violência Sexual masculina (*“um rapaz pode forçar a namorada a beijar”, “para provar o seu amor, a rapariga deve ter relações sexuais com o seu namorado”*).

O ser humano é influenciado, direta ou indiretamente pelas suas interações sociais. Através destas, formamos representações sociais ou crenças, como vimos anteriormente, que poderão levar a uma predisposição para determinada ação. Desta forma, crenças de que a violência é parte normal das relações, e experiências anteriores de vitimização por disciplina severa ou observações de pais vitimados (violência interparental) podem aumentar a probabilidade de vitimização ou perpetração, mais tarde, num relacionamento duradouro com os parceiros íntimos (Madan, Mrug & Windle, 2015).

Também e ainda relativamente às atitudes e crenças que formulamos, Matos, Machado e Caridade (2006), esclarecem que os adolescentes mantêm crenças que podem ser percebidas de diversas formas: formas estereotipadas de gerar o fenómeno (*“a violência íntima é um assunto privado, deve ser resolvido em casa”*), negando-o, normalizando-o (*“uma bofetada não magoa ninguém”*) ou justificando-o (*“os homens batem nas mulheres apenas quando estão de cabeça perdida”*). Podem ainda ser formas de entender erradamente os seus protagonistas: a vítima (*“se as mulheres se portarem como boas esposas não serão maltratadas”*) e o agressor (*“um homem tem o direito de castigar a mulher se ela faltar ao cumprimento dos*

*seus deveres*”).

Contudo, estas atitudes poderão ser interiorizadas pois tal como Larson, Clore e Wood (1999) e Fisher e Alapack (1987), nas suas investigações retiraram, para além do amor, outras emoções e sentimentos, negativos, são despertados nas relações íntimas amorosas: o ciúme, a ansiedade, a raiva, o desespero, a angústia e a aflição, são alguns exemplos. Estes sentimentos poderão levar o jovem ao desespero e, como referiu Makepeace (1981) na sua investigação, o ciúme é constantemente referenciado como fonte de conflito que leva ao comportamento agressivo. De fato, o ciúme poderá chegar a níveis menos saudáveis, acabando por levar o parceiro agressivo a pensar que a sua vítima faz parte da sua propriedade, e que, por isso, não poderá olhar ou falar com outras pessoas do sexo oposto, hipoteticamente. Se isto acontece leva a que o agressor desencadeie raiva e ansiedade, pelo fato de o que “é dele” estar exposto e em perigo de outra pessoa “ficar”.

Para colmatar a investigação, pretendemos perceber se as crenças de violência no namoro estariam associadas, à perpetração e vitimização de violência no namoro.

Ferreira (2003) refere que é durante o desenvolvimento da adolescência que ocorrem mudanças de capacidades intelectuais, interesses e atitudes. Segundo Krüger (1995 cit. *In* Gebara & Lourenço, 2008) as crenças são elementos de representação mental, provenientes de experiências individuais e coletivas que, uma vez alcançado o formato e o suporte físico necessários à sua objetivação, entregam-se à crítica.

Sani (2003) verificou nos seus estudos que a experiência de exposição à violência na família pode estar na base da formação de crenças distorcidas sobre a violência interpessoal, mas que, também outros fatores (e.g. individuais, educativos) podem circunscrever o sentido destas crenças.

Na presente investigação os resultados revelaram existir relações, embora ténues, entre as crenças legitimadoras de violência no namoro e as efetivas perpetrações e vitimização de violência no namoro, nos dois grupos. Podemos, portanto, concluir que tanto os adolescentes institucionalizados, como os adolescentes não-institucionalizados partilham pensamentos equivalentes relativamente à violência, devido à similaridade dos resultados obtidos, que demonstraram associações, entre atitudes (crenças) e comportamentos dos diversos tipos de violência.

De uma forma geral, as atitudes associadas com a perpetração de violência encontram-se mais presentes nos adolescentes institucionalizados (associação entre atitudes de violência física masculina e perpetração de violência física; perpetração de violência física e atitudes de violência feminina; perpetração de violência sexual e atitudes acerca da violência sexual masculina). Esta situação, para os adolescentes não-institucionalizados, apenas se verifica na violência psicológica (associação entre atitudes de violência psicológica feminina e perpetração de violência psicológica).

De modo inverso, as associações entre atitudes e vitimização,

prevalecem nos resultados dos adolescentes não-institucionalizados (atitudes de violência física masculina e vitimização de violência física, atitudes de violência sexual feminina e vitimização de violência sexual). Relativamente aos adolescentes institucionalizados apenas se verifica uma associação entre atitudes de violência física feminina e vitimização de violência física. Novamente em relação aos adolescentes não-institucionalizados, refere-se que a última associação (atitudes de violência sexual feminina e vitimização de violência sexual), é uma associação negativa, ou seja quanto mais endossam as atitudes perante a violência sexual feminina, menor tende a ser a experiência de vitimização de violência sexual. Poderá esta questão estar relacionada com a dificuldade em assumir a experiencição deste tipo de violência? Tal como refere Carinhonha e Penna (2012) nos seus estudos, alguns jovens têm dificuldade em assumir a vivência de situações de violência, pois, muitas vezes, esta é perpetrada por pessoas mais próximas, que deveriam cuidar e proteger, e não o contrário.

Algumas atitudes que poderiam hipoteticamente, estar relacionadas com a perpetração dos comportamentos agressivos ou vitimização de violência, retirados da EAVN e do CADRI respetivamente, com o objetivo de facilitar a explicitação das possíveis relações de atitudes com os comportamentos, respondidas pelos jovens nesta investigação, seriam, a título de exemplo: a atitude “Por vezes o ciúme ou o amor põe o/a rapaz/rapariga tão louco/a que ele/a bate na/o namorada/o” poderá estar associada ao comportamento “Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros”, e vice-versa. A atitude poderá ter sido criada com a criação de uma avaliação positiva relativamente à violência, sentimentos de poder, e pela formulação da crença de que, “se existe ciúme é porque a mulher provoca, se a mulher provoca merece que eu lhe bata, porque ela é minha e faço o que quiser dela”.

Como divulgam Machado, Caridade e Martins (2009), crenças erradas acerca da violência evidenciam promover a desresponsabilização por parte do agressor e a culpabilização por parte da vítima. Estes pensamentos padronizados erróneos podem ser um importante preditor do envolvimento em relacionamentos abusivos.

Também o fato de muitas vezes os pais educarem os filhos do sexo masculino, de uma forma rígida e inculcando ideais machistas como “um homem não chora”, “um homem tem mais força que uma mulher”, “andar no boxe é que é para homens, andar na dança é para mulheres” entre outros, poderá levar a que o jovem se reja através de regras mais frias e violentas. Neste âmbito, numa investigação de Saavedra e Machado (2012) as autoras verificaram que os rapazes utilizavam menos Estratégias de Resolução de Conflitos positivas e que tal poderia estar associado a uma socialização predominantemente agressiva, onde as alternativas não violentas não são tão estimuladas e reforçadas. Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, Oliveira e Ribeiro (2015) acrescentam que as saídas noturnas na adolescência estão muitas vezes associadas a comportamentos excessivos, quer ao nível de consumos quer manifestações de ciúmes, os quais poderão ser usados pelo ofensor como elementos desculpabilizantes da violência.

Atendendo ao propósito fundamental de perceber mais sobre a violência no namoro em adolescentes institucionalizados, procurou-se analisar, apenas para este grupo, a relação entre as experiências de vitimização e perpetração nas relações de namoro e outras variáveis, como sendo: a idade, o tempo de acolhimento em instituição e a duração de namoro. Quanto à idade e à duração de namoro, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos.

Encontrou-se relação entre tempo de acolhimento em instituição e a perpetração de violência física, embora seja de pequena expressão. Esta relação talvez possa ser explicada pelo fato de existirem conflitos com os seus colegas de quarto ou de instituição. Discussões e rivalidades são bastante comuns entre o ser humano, sendo que cada um tem a sua opinião e perspectiva peculiar de visualizar as coisas, e por vezes basta uma palavra ser interpretada de forma equívoca para gerar mal-entendidos. Num estudo de Morais, Leitão e Campos (2004), os jovens relataram as discussões como um dos aspetos negativos do tempo de acolhimento em institucionalização. Estas discussões por vezes geram sentimentos de raiva e fúria, que poderão levar a comportamentos agressivos físicos de uma forma bastante rápida. Nestes jovens sabemos que, por terem muitas vezes passado por dificuldades na infância relativamente à vinculação com os seus cuidadores, e pela carência de respostas emocionais eficazes, acabam por desenvolver uma autorregulação mais deficitária (Mota & Matos, 2010; Ludy-Dobson & Perry, 2010). O autocontrolo está implicitamente relacionado com a noção de regras (Morais, Leitão, Koller e Campos, 2004).

Mota e Matos (2010) apontam as relações com figuras exteriores à família, nomeadamente o contexto escolar e especialmente as relações na institucionalização, enquanto predictoras de uma base segura permitindo o desenvolvimento da assertividade, empatia e autocontrolo. Caso estas sejam, pelo contrário, relações de autoridade, agressividade e intolerância, estes jovens poderão desenvolver sentimentos de raiva e de não-pertença e consequentemente, comportamentos violentos. Quanto mais tempo em situações que levem ao mau-estar pessoal, mais sentimentos negativos se produzirão. Neste contexto, Bellis (2001) refere que o trauma não é apenas o ato de maltrato, mas também, a relação que a vítima tem com o perpetrador do trauma. Daí que, para as crianças maltratadas, a capacidade de formar relações e vínculos está intacta mas traumatizada.

Mota e Matos (2010) aludem que as relações estabelecidas com os técnicos da instituição poderão alcançar a satisfação em diversas dimensões vincutivas necessárias, atribuindo ao jovem uma maior sensação de segurança, no entanto, estas relações nem sempre são fáceis. As dificuldades relacionam-se com a despersonalização e falta de disponibilidade pessoal por parte dos adultos (técnicos), o que inviabiliza a qualidade das relações com os jovens (Mota & Matos, 2010).

Mais uma vez importa referir que a carência de laços afetivos durante a infância interfere no desenvolvimento saudável da criança, podendo afetar as suas relações com o outro e com o meio que rodeia, em adolescente ou

mesmo na vida adulta (Alexandre & Vieira, 2004). Estudos de Wolfe, Scott, Wekerle e Pitman (2001) com jovens que anteriormente teriam sofrido de maus-tratos, destacam que, estes jovens relatam maior sofrimento emocional e atos de delinquência violenta e não-violenta. Também neste estudo, os adolescentes do sexo masculino foram apontados como perpetradores (como vítimas) de violência física e de ameaças, e as adolescentes do gênero feminino como vítimas de tal violência. Estes jovens, também são mais propensos a iniciarem de forma precoce, comportamentos de adulto, como o namoro, ter relações sexuais e o uso de álcool (Wekerle, *et al.* 2009). Alguns destes comportamentos servem de desencadeadores de conforto na realização pessoal e na liberdade para decidir (Mota e Matos, 2008). Contudo, a utilização de álcool, por exemplo, pode ter repercussões bastante nefastas como a criação de comportamentos de ameaça ou abuso relacional, devido ao efeito inibidor desta droga.

Estes jovens por vezes poderão ter dificuldade em reconhecer a violência vivida, isto pode estar relacionado com o fato de ter sido perpetrada por aqueles que deveriam proteger, fornecer afeto, nomeadamente, a família (Carinhanha & Penna, 2012).

Mota e Matos (2008) referem que a chegada à instituição pode ser vivida como uma perda ou rejeição do seio familiar, que por muito disfuncional que possa apresentar-se, traduz no mundo interno dos jovens um sentido de pertença. É por isto importante que, durante o tempo de acolhimento, os técnicos e demais integrantes da instituição, procurem estabelecer ligações afetivas seguras com estes jovens, evitando a permanência de estados de vulnerabilidade e, também, que o estado de maior consistência interna e segurança nas relações represente um factor protetor face ao risco (Mota & Matos, 2008), colmatando, desta forma, as falhas ou ligações de instabilidade e insegurança vividas no seio familiar, reeducando estes jovens para uma nova noção do que poderá ser uma vinculação segura.

Arpini (2003) refere ainda que a instituição deverá pois ser um lugar de passagem que possibilita que estes jovens sejam retirados da violência e do abandono em que viviam, oferecendo um local de maior tranquilidade e apoio, ate que as suas vidas sejam reestruturadas.

Mota (2008) postula que a possibilidade do jovem vir a estabelecer ligações afetivamente seguras dentro ou fora da instituição permite, por um lado, a complexificação da organização emocional e afetiva, evitando a permanência de estados de vulnerabilidade e, por outro lado, que o estado de maior consistência interna e segurança nas relações represente um fator protetor face ao risco. Ainda o mesmo autor afirma que, a identificação destes fatores de risco e fatores protetores poderão possibilitar o trabalho dos adultos implicados na educação destes jovens promovendo o seu desenvolvimento emocional e comportamental, eliminando o estigma e a discriminação que frequentemente circunda o contexto de institucionalização.

Relativamente à perpetração de Estratégias de Resolução de Conflitos positivas, importa referir que, se estes jovens sentirem que as pessoas com quem criaram uma relação afetiva permanecerem nas suas vidas, estes

jovens sentirão segurança emocional que potencializará as suas capacidades adaptativas tornando-os mais confiantes e capazes de desenvolver estas estratégias de resolução de conflitos (Mota & Matos, 2010).

Por fim, em relação às hipóteses estabelecidas nos objetivos, apesar da expectativa de que os adolescentes institucionalizados vivenciassem mais violência do namoro, tal não se verificou.

Relativamente à primeira hipótese (H1: Os adolescentes institucionalizados experienciam mais violência que os adolescentes não-institucionalizados), sabemos agora que as percentagens dos “sim” e “não”, não são muito diferentes entre grupos e que as diferenças estatísticas foram mínimas, significando por isso, que tanto os adolescentes institucionalizados, como os adolescentes não-institucionalizados vivenciam experiências de violência de forma equivalente, rejeitando-se esta primeira hipótese.

Quanto à segunda hipótese (H2: Os adolescentes institucionalizados tendem a manifestar mais atitudes favorecedoras de violência do que os não-institucionalizados) no geral, os dois grupos apresentam, mais uma vez, resultados equipolentes. Contudo, os adolescentes institucionalizados demonstram mais tolerância em relação a atitudes de perpetração de Violência Física e Sexual, e de atitudes de perpetração de Violência Psicológica e Física. Ainda que as diferenças sejam mínimas, corrobora-se a segunda hipótese.

Finalmente, no que concerne à terceira e última hipótese (H3: Existe relação entre idade, tempo de acolhimento em instituição e duração de namoro, e vitimização e perpetração de violência) apenas se verificou uma associação entre tempo de permanência na instituição e perpetração de violência física.

No geral, não se verifica diferenças estatisticamente significativas, ao contrário do que era esperado. O que nos leva a refletir.

Talvez pelo fato de sabermos que os adolescentes institucionalizados vivenciaram experiências muitas vezes traumáticas e bastante complexas, e que isso acaba por influenciar o seu desenvolvimento a vários níveis, nomeadamente ao nível da regulação emocional, foi formulada a ideia de que, sendo desta forma, seria de esperar que estes adolescentes endossassem de uma forma mais intensa e significativa, comportamentos de violência no namoro. Contudo, apesar dos adolescentes não-institucionalizados viverem com os seus cuidadores (pais, tios, alguém da família) e que, no geral, sejam protegidos a um nível mais íntimo e único, de uma maneira segura e protetora que desenvolverá aspetos como a resiliência e vinculação segura, não poderemos colocar de parte a hipótese de que também estes jovens poderão vivenciar experiências traumáticas, e que tal como os adolescentes que vivem em acolhimento institucional, também estes poderão sofrer implicações relativas a um trauma, hipoteticamente.

## VI - Conclusões

A presente dissertação teve como objetivo principal compreender a expressão de violência no namoro e se existia relação entre atitudes e comportamentos de violência no namoro em adolescentes institucionalizados e comparar estes resultados com adolescentes não-institucionalizados.

Os resultados obtidos no presente estudo revelam que: (1) os adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados são vítimas mas também perpetradores de Violência Verbal e tendem ambos a utilizar, na gestão de conflitos que surgem nas suas relações amorosas, estratégias de resolução positivas; (2) em relação às atitudes e comportamentos, mais uma vez, os valores demonstram-se equivalentes, no entanto, o grupo dos adolescentes institucionalizados parece ter respondido mais vezes de uma forma positiva às atitudes de perpetração de Violência Física Masculina, Violência Sexual Masculina, Violência Psicológica Feminina e Violência Física Feminina; (3) existe associação entre atitudes, vitimização e perpetração dos diversos tipos de violência; (4) quanto à relação de experiências de vitimização e perpetração de violência no namoro com outras variáveis, apenas nos adolescentes institucionalizados, constatou-se existir relação, ainda que fraca, entre o Tempo de Acolhimento em Instituição e Perpetração de Violência Física.

Considera-se, no geral, após a análise dos resultados, que os objetivos foram alcançados. No entanto, refere-se que o estudo comporta algumas limitações. Estas limitações referem-se ao fato da amostra ser maioritariamente composta por adolescentes do género feminino e por ser uma amostra recolhida na zona norte e centro, também na sua maioria. Considera-se que em investigações futuras, estas lacunas fossem preenchidas, no caso de ser possível, propondo ainda estudos que avaliem este fenómeno em adolescentes institucionalizados, realizando uma comparação de diferença de géneros e também relativamente às diferentes orientações sexuais. Seria importante também relacionar esta temática com as experiências precoces de vida.

Porque a violência psicológica parece ser a que está mais subjacente no comportamento destes jovens importa referir que a vítima deste tipo de violência sente-se desvalorizada, sente que os seus pensamentos, sentimentos e escolhas de comportamentos não são valorizados, ou que são constantemente condenados, sente um clima de medo e incerteza, que leva à limitação da exploração confiante e da assertividade pessoal (Wekerle *et al.*, 2009).

Os maus-tratos na infância e a violência no namoro são preocupações críticas de saúde pública. Existindo já a noção de que as diferentes formas abuso na infância se associam a distintas formas de psicopatologias na idade adulta, bem como a problemas sociais e pessoais (Glaser, 2000), é de extrema importância criar sessões de sensibilização e informação relativamente a esta temática, nas escolas ou estruturas próprias para o efeito. Por vezes a ingenuidade leva à permanência destes comportamentos erráticos, bem como, as experiências traumáticas vivenciadas no seio

familiar.

Também ao nível de acolhimento institucional, salienta-se, novamente, a importância de técnicos e/ou cuidadores que sejam sensíveis às experiências traumáticas destes jovens, e que portanto, possam criar relações de segurança. A qualidade da relação desenvolvida com os adultos significativos potenciará uma perceção positiva de si enquanto figura merecedora de apoio emocional.

Nestas relações de segurança incluem-se não somente, as relações com o parceiro amoroso mas também com os seus pares. Os adolescentes institucionalizados que sentem proximidade nas relações com os pares, estão mais capazes de expressar as suas ideias e sentimentos envolvendo-se de forma positiva e empática na relação com os demais, não sendo estranho, por isso, que este sentimento de pertença e de realização potencie o desenvolvimento de competências sociais nestes jovens (Mota & Matos, 2010).

### Bibliografia

- Abaid, J.L.W., Dell’Aglia, D.D. & Koller, S.H. (2010). Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. *Universitas Psychologica*, 9 (1), 199-212.
- Albisetti, V. (2010). *Como vencer a violência: Violência e Amor*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Alexandre, D.T. & Vieira, M.L. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, 9 (2), 207-217.
- Alvim, S.F. & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: Homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7 (2), 171- 206.
- Arias, I., Samios, L. & O’Leary, K. (1987). Prevalence and correlates of physical aggression during courtship. *Journal of Interpersonal Violence*, 2, 82-90.
- Arpini, D.M. (2003). Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21 (3), 70-75.
- Arriaga, X. & Foshee, V. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends or their parent’s footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19 (2), 162-184.
- Babcock, J.C., Canady, B.E., Graham, K. & Schart, L. (2007). The evolution of battering interventions: From the dark ages into the scientific ages. In J. Hamel & T.L. Nicholls (Eds.), *Family interventions in domestic violence: A handbook of gender-inclusive theory and treatment* (215-244). New York: Springer.
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- Bellis, M.D. (2001). Developmental traumatology: The psychobiological development of maltreated children and its implications for research, treatment, and policy. *Development and Psychopathology*, 13, 539-564.
- Bradley, B., Westen, D., Mercer, K.B., Binder, E.B., Jovanovic, T., Crain, D., Wingo, A. & Heim, C. (2011). Association between childhood maltreatment and adult emotional dysregulation in a low-income,

- urban, African American sample: Moderation by oxytocin receptor gene. *Development and Psychopathology*, 23, 439-452.
- Brown, B.B., Feiring, C. & Furman, W. (1999). Missing the love boat – Why researchers have shied away from adolescent romance. *The development of romantic relationships in adolescence*, (1-16). New York: Cambridge University Press.
- Caridade, S., Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.
- Carinhanha, J.I. & Penna, L.H.G. (2012). Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigo. *Texto Contexto Enfermagem*, 21 (1), 68-76.
- Carvalho, M.J.L. (2013). *Sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens*. Programa Gulbenkian de desenvolvimento humano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Córdoba, D.A. (2011). Amor y adolescencia. *Revista eletrónica de psicologia social "Poiésis"*, 21, 1-9.
- Cordovil, C., Crujo, M., Vilariça, P. & Da Silva, P.C. (2011). Resiliência em crianças e adolescentes institucionalizados. *Acta med port*, 24 (2), 413-418.
- Connolly, J. & McIsaac, C. (2011) Romantic relationship in adolescence. In M.K. Underwood & L.H. Rosen (Eds.). *Social development: relationships in infancy, childhood and adolescence* (180-194). New York: Paperback.
- Cristóvão, C.M. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: um estudo exploratório sobre a violência no namoro*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Duarte, A.P. & Lima, M.L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Ferreira, B.W. (2003). Adolescência. *Psicologia e educação: Desenvolvimento humano, adolescência e vida adulta*. (13-33). Porto Alegre: Edipucrs.
- Fisher, C. & Alapack, R.J. (1987). A phenomenological approach to adolescence. In V. V. Hasselt & J. M. Herson (Eds.), *Handbook of*

- adolescent psychology* (91-107). New York: Pergamon.
- Foshee, V.A., Benefield, T.S., Reyes, H.L.M., Ennett, S.T., Faris, R., Chang, L.Y., Hussong, A. & Suchindram, C.M. (2012). The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42, 471-486.
- Furman, W. (1999). Friends and lovers: the role of peer relationships in adolescent romantic relationships. In W.A. Collins & B. Laursen (Ed). *Relationships as developmental contexts: The Minnesota symposia on child psychology* (133-154). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Furman, W. & Shaffer, L. (2003). The role of romantic relationships in adolescent development. *Department of psychology Web site*. Acedido a 25 de agosto, 2015, em [http://www.du.edu/psychology/relationshipcenter/publications/furman\\_shaffer\\_2003.pdf](http://www.du.edu/psychology/relationshipcenter/publications/furman_shaffer_2003.pdf).
- Gebara, C.F.P. & Lourenço, L.M. (2008). Crenças de profissionais de saúde sobre violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Psicologia em Pesquisa*, 2 (1), 27-39.
- Glaser, D. (2000). Child abuse and neglect and the brain – a review. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40 (1), 97-116.
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Alfragide: Texto Editora.
- González-Ortega, I., Echeburúa, E. & Corral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Behavioral Psychology / Psicología Conductual*, 16 (2), 207-225.
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M.J., Oliveira, E. & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. In *Atas do colóquio internacional, @s jovens e o crime – transgressões e justiça tutelar*, Coimbra, maio 2015 (14-26).
- Henton, J., Cate, R., Koval, J., Llody, S. & Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues*, 4, 465-482.
- Hickman, I., Jaycox, I. & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution and prevention

- program effectiveness, *Trauma, Violence and Abuse*, 5 (2), 123-142.
- Instituto de Segurança Social, I.P. (2009). Plano de Intervenção Imediata (PII). *Relatório de caracterização das crianças e jovens em situação de acolhimento de 2008*.
- Instituto de Segurança Social, I.P. (2014). Caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens (CASA). *Relatório de caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens de 2014*.
- Jenkins, S. & Aubé, J. (2002). Gender differences and gender related constructs in dating aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (8), 106-118.
- Justo, J.S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia*, 17 (1), 61-77.
- Kats, J., Kuffel, S.W. & Coblenz, A. (2002). Are there gender differences in sustaining dating violence? An examination of frequency, severity and relationship satisfaction. *Journal of Family Violence*, 17, 247-271.
- Larson, R.W., Clore, G.L. & Wood, G.A. (1999). Processes in romantic relationships. In W. Furman, B.B. Brown, & C. Feiring (Ed.), *The development of romance relationships in adolescents*. (19-125) Cambridge: University Press.
- Lewis, S. F. & Fremouw, W. (2001). Dating Violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21 (1), 105-127.
- Ludy-Dobson, C.R. & Perry, B.D. (2010). The role of healthy relational interactions in buffering the impact in childhood trauma. In E. Gil (Ed.). *Working with children to heal interpersonal trauma: the power of play*. (26-40). New York: The Guilford Press.
- Machado, C., Matos, M. & Moreira, A.I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52.

- Machado, C., Gonçalves, M., Almeida, L. & Simões, M.R. (2011). *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (vol. I). Coimbra: Almedina.
- Machado, L.M.G.S. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal*. Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa do Porto, Portugal.
- Macleon, K. (2003). The impact of institutionalization on child development. *Development and Psychopathology*, 15, 853-884.
- Mahoney, P., Williams, L.M. & West, C.M. (2001). Violence against women by intimate relationship partners. In C.M. Renzetti, J.L. Edleson & R.K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women* (143-178). Thousand Oaks: Sage.
- Makepeace, J. (1981). Courtships violence among college students. *Family Relations*, 30, 97-102.
- Malaggi, M., Lazzarotto, E.M., Nazzari, R.K. & Baratieri, T. (n.d.). *A visão dos jovens sobre o namoro*. Unioeste: Academia de Ciências Biológicas, Enfermagem e Economia.
- Martins, P.C.M. (2005). A qualidade dos serviços de proteção às crianças e jovens. In *Intervenção realizada no VI Encontro Cidade Solidária: Crianças em risco: será possível converter o risco em oportunidade?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, D.S.M. & Carvalho, C. (2010) A identidade vocacional de jovens institucionalizados em centros educativos: um olhar na (re)educação em Portugal. *Revista Eletrônica de Educação*, 7 (3), 25-39.
- Marzol, R.M., Bonafé, L. & Yunes, M.A.M. (2012). As perspectivas de crianças e adolescentes em situação de acolhimento sobre os cuidadores protetores. *Psico*, 43 (3), 317-324.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M.J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (1), 55-75.
- Minayo, M.C.S. & Souza, E.R. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde*, 4 (3), 513-531.
- Morais, N.A., Leitão, H.S., Koller, S.H. & Campos, H.R. (2004). Notas

- sobre a experiência de vida num internato: aspetos positivos e negativos para o desenvolvimento dos internos. *Psicologia em Estudo*, 9 (3), 379-387.
- Moré, C.L.O.O. & Sperancetta, A. (2010). Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia e Sociedade*, 22 (3), 519-528.
- Morris, A.M., Mrug, S. & Windle, M. (2015). From family violence to dating violence: Testing a dual pathway model. *Journal of Youth and Adolescence*, 44, 1819-1835.
- Mota, C.P. & Matos, P.M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspetiva de vinculação. *Psicologia & Saúde*, 20 (3), 367-377.
- Mota, C.P. & Matos, P.M. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (28), 245-254.
- Nobre-Lima, L. (2009). *Estórias e projetos de vida de adolescentes institucionalizados*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Portugal.
- Oliveira, K.L.C. & Gomes, R. (2009). Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. *Ciências & Saúde Coletiva*, 16 (5), 2401-2413.
- Oliveira, M.C.S.L. (2006). Identity, narrative and development in adolescence: a critical review. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 427-436.
- Organização Mundial de Saúde (2002). Violência – um problema mundial de saúde pública. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Acedido junho, 2015, em [http://www.academia.edu/7619294/Relat%C3%B3rio\\_mundial\\_sobre\\_viol%C3%Aancia\\_e\\_sa%C3%BAde](http://www.academia.edu/7619294/Relat%C3%B3rio_mundial_sobre_viol%C3%Aancia_e_sa%C3%BAde).
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Perry, B.D. (2001). The neurodevelopmental impact of violence in childhood. In D. Schetky & E.P. Benedek (Eds.), *Textbook of child*

- and adolescent forensic psychiatry* (221-238). Washington D.C.: American Psychiatric Press.
- Rodrigues, A., Assmar, E.M.L. & Jablonski, B. (2009). *Psicologia Social*. Acedido em setembro, 2015, em <http://www.jjire.com.br/psicologia/PSICOLOGIA%20SOCIAL%20parte%201.pdf>
- Saavedra, R. & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica*, 30 (1-2), 109-130.
- Sani, A.I.M. (2003). *As crenças, o discurso e a ação: as construções de crianças expostas à violência interparental*. Dissertação de Doutoramento, Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho, Portugal.
- Santos, M.A.M. (2010). *O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco - a experiência passada de institucionalização e o seu significado atual para os sujeitos adultos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Portugal.
- Sapienza, G. & Pedromônico, M. (2005). Risco, Proteção e Resiliência no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10 (2), 209-216.
- Saunders, D.G. (1988). Wife abuse, husband abuse or mutual combat? A feminist perspective on the empirical findings. In K. Yllo & M. Bograd (Eds.), *Feminist perspectives on wife abuse*. New Delhi: Sage.
- Senna, S.R.C. & Dessen, M.A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a conceção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (1), 101-108.
- Silva, C., Lemos, I. & Nunes, C. (2013). Acontecimentos de vida stressantes, psicopatologia e resiliência em adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14 (2), 348-355.
- Siqueira, A.C., Betts, M.K. & Dell'Aglio, D.D. (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do

- brasil. *Journal of Psychology*, 40 (2), 149-158.
- Siqueira, A.C. & Dell'Aglio, D.D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18 (1), 71-80.
- Sousa, C.A.R., (2013). *Um lar, uma família: a voz das instituições que acolhem crianças e jovens*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras - Universidade do Porto, Portugal.
- Stith, S.M., McCollum, E.E. & Boadu, Y.A. (2012). Systemic perspectives on intimate partner violence treatment. *Journal of Marital and Family Therapy*; 38 (1), 220-240.
- Straus, M.A. & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 346-357.
- Straus, A. M. (1999). The controversy over domestic violence by women. In X. Arriaga & Oskamp (Eds), *Violence in intimate relationships* (16-40). The Claremont Symposium on Applied Social Psychology.
- Straus, M.A., Hamby, S.L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Sugarman, D.B. & Hotaling, G.T. (1989). *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 families*. New Jersey: Nes Brunswick.
- Tolan, P. & Guerra, N. (1994). *What works in reducing adolescent violence: an empirical review of the field*. Colorado: Institute of Behavioral Science.
- Valdez, M.A.P., (2005). Violencia, ética y pedagogía. *Revista Mexicana de Investigación*, 10 (27), 1149-1164.
- Velarde, M.C.C. & Martínez, P.U. (2008). Perspectiva temporal futura en adolescentes institucionalizados. *Revista de Psicología*, 26 (2), 254-276.
- Vygotsky, L.S. (n.d.). *Pensamento e Linguagem*. Acedido em Setembro, 2015, em <http://www.institutoelo.org.br/site/files/publications/5157a7235ffcfd9ca905e359020c413.pdf>.

- Wekerle, C., Leung, E., Wall, A.M., MacMillan, H., Boyle, M., Trocme, N. & Waechter, R. (2009). The contribution of childhood emotional abuse to teen dating violence among child protective services-involved youth. *Child Abuse & Neglect*, 33, 45-58.
- Winstead, B.A., Derlega, V.J. & Rose, S. (1997). *Gender and close relationships*. Thousand Oaks: Sage.
- Wolfe, D.A., Scott, K., Wekerle, C. & Pittman, A.L. (2001). Child maltreatment: Risk of adjustment problems and dating violence in adolescence. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40 (3), 282-289.

## Anexos